



ESTUDO SOBRE A ESCASSEZ DE MÃO DE OBRA NA CONSTRUÇÃO EM GOIÁS



OBSERVATÓRIO
FIEG
IRIS REZENDE



OBSERVATÓRIO
SEBRAE



MARÇO / 2023

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de Goiás – Sebrae Goiás
Av. T3, nº 1.000, Setor Bueno, Goiânia/GO, 74.215-095
0800 570 0800 sebraego.com.br

CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL

José Mário Schreiner

Presidente

André Luiz Baptista Lins Rocha

Vice-Presidente

DIRETORIA EXECUTIVA

Antônio Carlos de Souza Lima Neto

Diretor Superintendente

Marcelo Lessa Medeiros Bezerra

Diretor Técnico

João Carlos Gouveia

Diretor de Administração e Finanças

UNIDADE DE GESTÃO ESTRATÉGICA

Francisco Lima Júnior

Gerente

Polyanna Marques Cardoso

Analista

REALIZAÇÃO

INSTITUTO EUVALDO LODI/OBSERVATÓRIO FIEG

Sandro Mabel

Presidente

Flávio Rassi

Diretor

Humberto Rodrigues de Oliveira

Superintendente

EQUIPE TÉCNICA

Sandra Marcia Silva – Gerente

Ely André de Matos Bastos – Analista

Diego Gomes Ferreira – Analista

Fernanda Rocha – Analista

Danilo da Silva Santos – Estagiário

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Agência Entremeios Comunicação

MOBILIZAÇÃO EM PROL DA CONSTRUÇÃO CIVIL

A construção civil é um dos setores mais importantes para a economia. Ela gera riquezas em diversos outros segmentos, cria muitas vagas de trabalho e dinamiza e moderniza as paisagens urbana e rural. Onde há obras há prosperidade sendo construída.

Porém, há um empecilho que limita o crescimento do segmento: a escassez de mão de obra.

Apesar de termos uma alta taxa de desemprego no país e muita gente procurando ocupação, essa situação permanece no setor, principalmente, em função do baixo nível de qualificação adequada aos profissionais.

Diante deste cenário, é preciso buscar informações para que sejam propostas soluções.

E é exatamente isto que o Observatório do SEBRAE, o IEL (Instituto Euvaldo Lodi) e o Observatório FIEG Iris Rezende procuram fazer com este estudo.

Em posse dos dados reunidos neste documento, o próprio setor, as instituições de classe e o poder público poderão entender um pouco mais sobre o panorama da mão de obra da construção civil. Assim, juntos, poderão construir iniciativas voltadas à atração e a qualificação dessa força de trabalho, desenvolvendo ainda mais este importante segmento.



Antônio Carlos de Souza Lima Neto
Diretor Superintendente do Sebrae Goiás

FIEG E SEBRAE PELO DESENVOLVIMENTO DE GOIÁS

A indústria da construção civil é pujante em Goiás, constituindo um dos mais promissores setores de nossa economia. Por onde quer que andemos, seja na capital, seja no interior, há uma grande obra em andamento. Mas, nos últimos dez anos, e agora ainda de forma mais acentuada, a construção civil tem sofrido com a escassez de trabalhadores, mesmo diante de significativo índice de desemprego. Hoje, segundo o Sinduscon, a demanda do setor em Goiás é de cerca de 10 mil trabalhadores, principalmente nas áreas primárias, como mestre de obras, pedreiros, serventes, armadores e carpinteiros, entre outros.

Para entender melhor esse fenômeno, o Conselho Temático de Relações do Trabalho da FIEG (CTRT/FIEG), por meio de seu presidente, Marley Rocha, em conjunto com o Sebrae-GO e com apoio do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-Go), por meio de seu presidente Cezar Mortari, e do SENAI Goiás, encomendou ao IEL Goiás uma pesquisa para avaliar o desempenho das atividades do setor, identificar os gargalos e os desafios do segmento.

Dados da pesquisa apontam como principais fatores geradores da escassez de mão de obra o baixo número de novos entrantes no mercado de trabalho do setor, a migração para a informalidade, a ampliação dos registros de MEI – que, segundo a Receita Federal, teve um crescimento médio anual de 32% entre 2011 e 2021 (dados levantados somente com os CNAES que atendem diretamente ao setor) –, além da falta de interesse pelo "trabalho pesado" na construção. Entre os trabalhadores informais que participaram da pesquisa, 87% disseram que é melhor trabalhar na informalidade – para 13%, o trabalho registrado é melhor. Um dos motivos seriam os baixos salários do trabalho registrado, bem como a falta de mecanização nas obras, levando muitos trabalhadores a reclamarem do trabalho pesado nos canteiros de obra.

O nosso objetivo é que os resultados detalhados nesta pesquisa sejam utilizados com sabedoria, no desenvolvimento de ações e parcerias que possibilitem à construção civil contar com profissionais qualificados e em quantidade necessária ao crescimento do setor.



Sandro Mabel
Presidente da FIEG

SUMÁRIO

06	Apresentação
08	Método
10	Capítulo I – Cenário da Construção 2011-2022 – Como se sabe que há escassez
20	Capítulo II – Perfil do trabalhador da construção
36	Capítulo III – Para onde foram os trabalhadores?
53	Capítulo IV – Como resolver o problema, qual o caminho?
67	Considerações finais
75	Referências

APRESENTAÇÃO

Segundo informação disponibilizada pelo IBGE em 30 de setembro de 2022, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), a taxa de desemprego no Brasil ficou em 8,9% no trimestre encerrado em agosto, com a falta de trabalho atingindo 9,7 milhões de brasileiros. Em outra análise, 81% dos empregadores relataram, em 2022, dificuldade em encontrar mão de obra com a qualificação necessária no Brasil em pesquisa da Man-Power-Group, sendo do setor da construção um dos mais altos índices de falta de mão de obra (76%).

Este cenário demonstra um paradoxo: como pode haver escassez de oferta de mão de obra e acirrada disputa por profissionais no mercado num país marcado por elevado nível de desemprego?

Dentre os possíveis fatores responsáveis por este cenário, a baixa qualificação é um dos mais significativos, fazendo com que milhares de vagas de empregos disponíveis não sejam preenchidas.

06

Mas este não é o único problema. Constata-se também falta de interesse do trabalhador por alguns segmentos, gerada por diversas situações relacionadas diretamente com a ocupação. Esta situação é comum a vários segmentos econômicos. No entanto, em especial na construção civil, há um cenário mais preocupante, uma vez que existe grande demanda por trabalhadores em suas várias cadeias para os próximos meses.



No estado de Goiás, este assunto tem sido fonte de grande preocupação para entidades representantes do setor, e se faz urgente um estudo mais aprofundado para identificar as suas causas reais.

Diante das dificuldades já enfrentadas pelas empresas e do que se espera para 2023, é necessário que ações sejam tomadas de imediato, para minimizar o impacto que a falta de mão de obra trará para o setor da construção civil e, conseqüentemente, para a economia goiana.

O estudo aqui apresentado vem para buscar soluções para amenizar este cenário e tem como objetivo identificar o perfil dos trabalhadores do setor e os empecilhos encontrados para aumentar seu nível de qualificação na área, bem como identificar os motivos da evasão de profissionais para modelos de trabalho informais.

Essas informações subsidiarão o setor da construção, o governo estadual e governos municipais no planejamento de ações e políticas públicas diversas e, em especial, para atração de mão de obra e qualificação profissional, visando ao atendimento sustentável das demandas do estado de Goiás.

MÉTODO

O estudo foi realizado aplicando-se uma combinação de metodologias, coletando dados em **Fontes Secundárias** (coletados em fontes oficiais) e em **Fontes Primárias** (pesquisa qualitativa e quantitativa), por meio de entrevistas com empresários, profissionais do setor e outros que estejam em busca de recolocação.

Pesquisa Qualitativa – Grupos Focais

Foram realizados grupos focais com três perfis:

I. Representantes dos diversos elos da cadeia da construção

(presidentes de sindicatos e/ou empresários com atuação ativa em seus segmentos e gestores de recursos humanos).

Considerando que a cadeia da construção está representada por 15 sindicatos, é imprescindível que todas estas partes sejam ouvidas. Neste momento, foi possível identificar onde estão os maiores gargalos do setor, na visão de gestores de recursos humanos e empresários.

II. Trabalhadores formais da construção

Foi de extrema importância ouvir os trabalhadores da construção, para extrair suas percepções em relação a atividade e fatores que levam ao distanciamento dos profissionais com a atividade.

III. Trabalhadores informais da construção

Inicialmente foram definidos grupos com trabalhadores formais da construção. A partir dos resultados de entrevistas com os empresários, a abordagem foi estendida aos trabalhadores informais (localizados em diversas obras e em condomínios fechados).

Pesquisa Quantitativa

Tendo em vista que existem muitos desafios para se evitar um possível apagão de mão de obra, acredita-se que é necessário ver além da qualificação da mão de obra já empregada no setor, verificando a necessidade de atração de novos trabalhadores. Desta forma, foram levantadas informações de quem já está atuando no setor, mas também buscou-se alcançar outras possibilidades, como a formalização de autônomos e aumento/atração de novos profissionais. Através de questionários estruturados, aplicados presencialmente e por telefone, foram pesquisados os seguintes três diferentes públicos: trabalhadores formais da construção; trabalhadores informais da construção, por opção e por não ter conseguido emprego; e desempregados de outras áreas.

I. Trabalhadores formais da construção

A amostra foi estimada a partir do universo de aproximadamente 41.608 trabalhadores, lotados em aproximadamente 3.700 empresas localizadas nos municípios alvo da pesquisa: Anápolis, Aparecida de Goiânia, Goiânia e Senador Canedo. O cálculo da amostra utilizou uma margem de erro de dois pontos percentuais e nível de confiança de 95%. Foram entrevistados 430 trabalhadores formais no período de 19 de agosto a 22 de setembro de 2022 presencialmente nos seus respectivos locais de trabalho.

II. Trabalhadores informais da construção

a) Por opção – foram entrevistados 100 trabalhadores informais no mês de setembro de 2022 nos municípios de Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis e Senador Canedo.

As entrevistas foram realizadas presencialmente em obras em condomínios, obras nos bairros e por telefone através de contatos de conhecidos, busca em grupos e redes sociais.

b) Aguardando recolocação – foram entrevistadas 31 pessoas que informaram buscar a informalidade, enquanto aguardavam recolocação.

As entrevistas foram realizadas presencialmente em obras em condomínios, obras nos bairros e Sines dos municípios de Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis e Senador Canedo.

III. Desempregados de outras áreas

Foram entrevistadas 100 pessoas que estavam desempregadas no mês de setembro de 2022, nos municípios de Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis e Senador Canedo. As entrevistas foram realizadas presencialmente nos Sines locais, Feirão de Emprego na Praça Cívica de Goiânia (18 a 22/10/2022) e locais de grande circulação de pessoas.



CAPÍTULO I

Cenário da construção de 2011 a 2022
Como se sabe que há escassez?

CENÁRIO DA CONSTRUÇÃO DE 2011 A 2022 – COMO SE SABE QUE HÁ ESCASSEZ?

Uma vez que as empresas informam dificuldades na contratação de trabalhadores para a construção, gerando um cenário de insegurança no setor, faz-se necessário conhecer as variáveis que geram essa preocupação.

Principais Hipóteses

1

Queda do número de empresas de construção no estado

2

Queda do número de empregados da construção

3

Aumento do número de obras na construção

Para conhecer o cenário da construção e validar a escassez de mão de obra, foram levantados os seguintes dados:

- Série histórica da evolução do número de empresas da construção em Goiás;
- Série histórica do estoque de empregados na construção em Goiás;
- Série histórica do saldo de emprego em todo o estado (admitidos e desligados);
- Série histórica dos principais motivos dos desligamentos e admissões na construção;
- Série histórica do número de empreendimentos registrados no estado de Goiás.

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPRESAS/EMPREGO DA CONSTRUÇÃO EM GOIÁS – 2011 A 2021

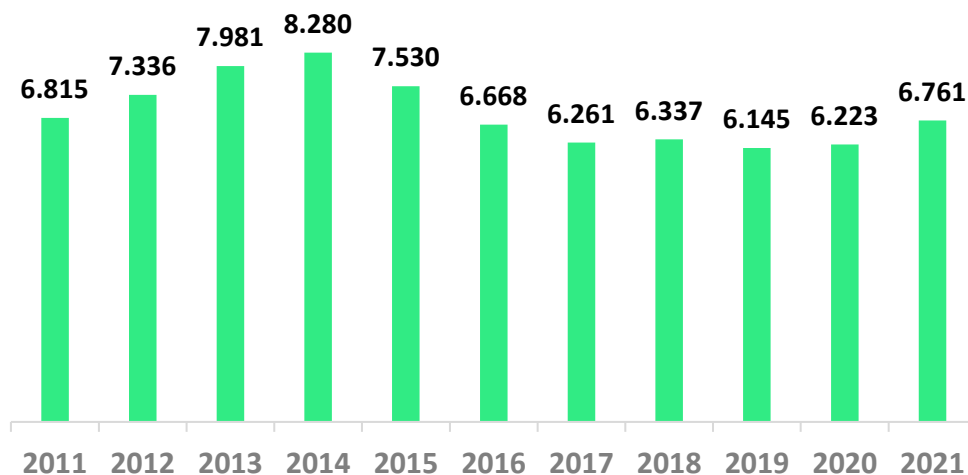
1

Queda do número de empresas de construção no estado

Ao analisar o período de 2011 a 2021, percebe-se que há um pequeno decréscimo de 1% no número de empresas do setor de construção no estado de Goiás.

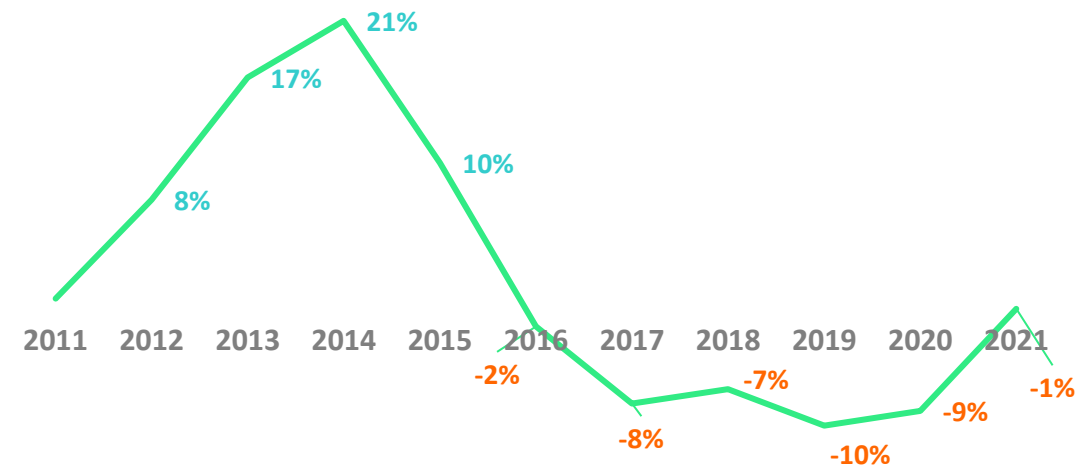
Observa-se que, no período, houve um aumento crescente nos anos de 2012 a 2015, quando há o maior número da série.

Número de empresas em Goiás – 2011 A 2021



FONTE: RAIS 2021

Variação do número de empresas de 2011 A 2021



FONTE: RAIS 2021

Obs.: variação percentual com base no início da série histórica em 2011

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGOS FORMAIS NA CONSTRUÇÃO EM GOIÁS – 2011 A 2021

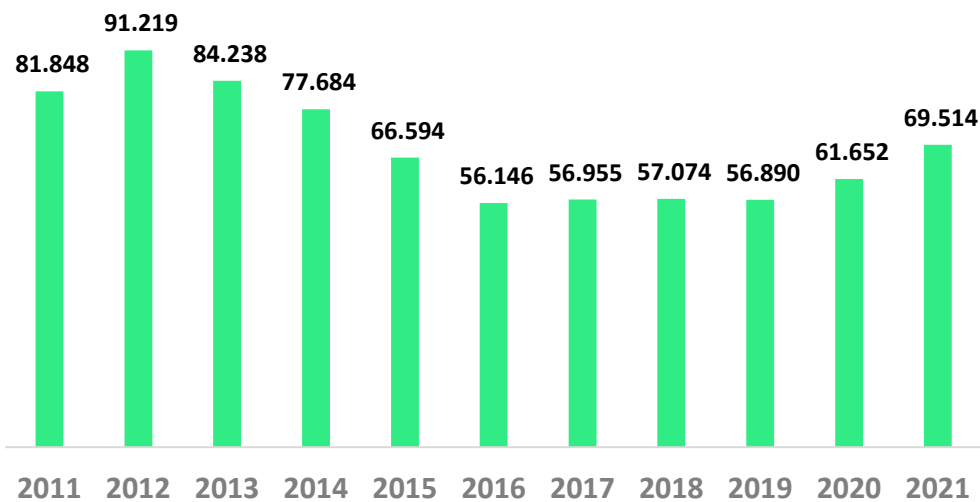
2

Queda do número de empregados da construção

O número de trabalhadores formais na construção também apresentou decréscimo ao longo dos 10 anos estudados.

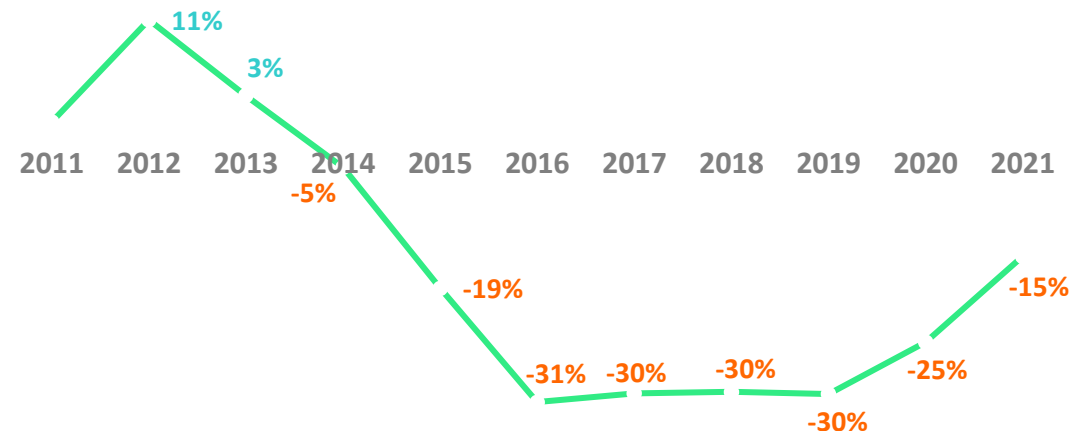
O estoque de trabalhadores formais na construção apresentou queda de 15% desde 2011. Ao todo, o setor registrou perda de mais de 12 mil trabalhadores entre 2011 e 2021.

Estoque de empregados na construção de 2011 a 2021



FONTE: RAIS 2021

Variação do estoque de empregados de 2011 a 2021



FONTE: RAIS 2021

Obs.: variação percentual com base no início da série histórica em 2011

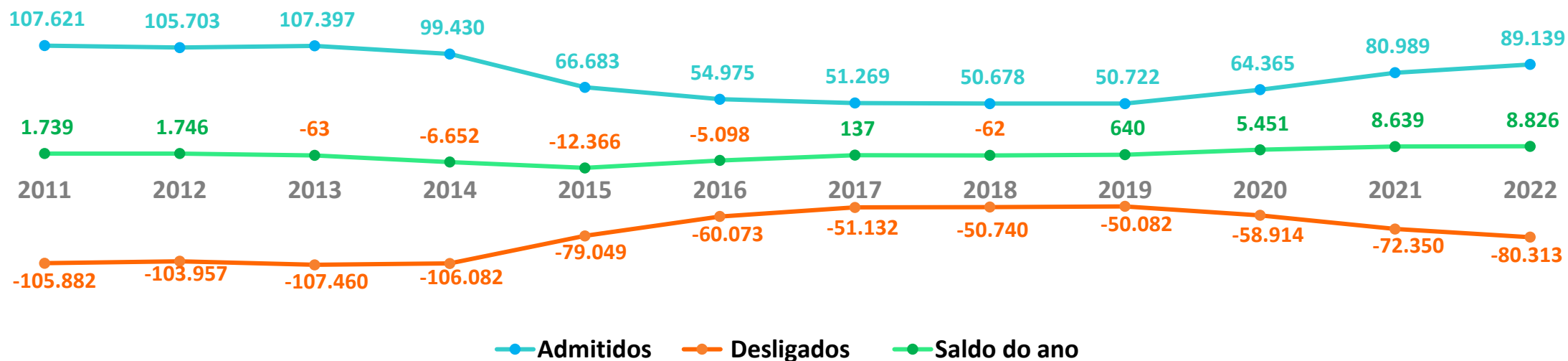
EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGOS FORMAIS NA CONSTRUÇÃO EM GOIÁS – 2011 A 2021

2

Queda do número de empregados da construção

De forma mais detalhada, utilizando a base de dados do CAGED – 2022, foi formulado o gráfico abaixo em que pontuam-se os dados dos admitidos e desligados e o saldo de emprego, onde é possível verificar que os anos de 2013 a 2016 são responsáveis pelos maiores saldos negativos ao longo da série. Os dados mais recentes, de 2021 até 2022, apresentam um aumento do saldo de trabalhadores.

Admitidos, desligados e saldo de empregos na construção de 2011 a 2022



14

FONTE: NOVO CAGED 2022

Observação: os dados correspondem ao final de 2022, mas devido a atualizações contínuas, valores diferentes podem aparecer em uma futura consulta.

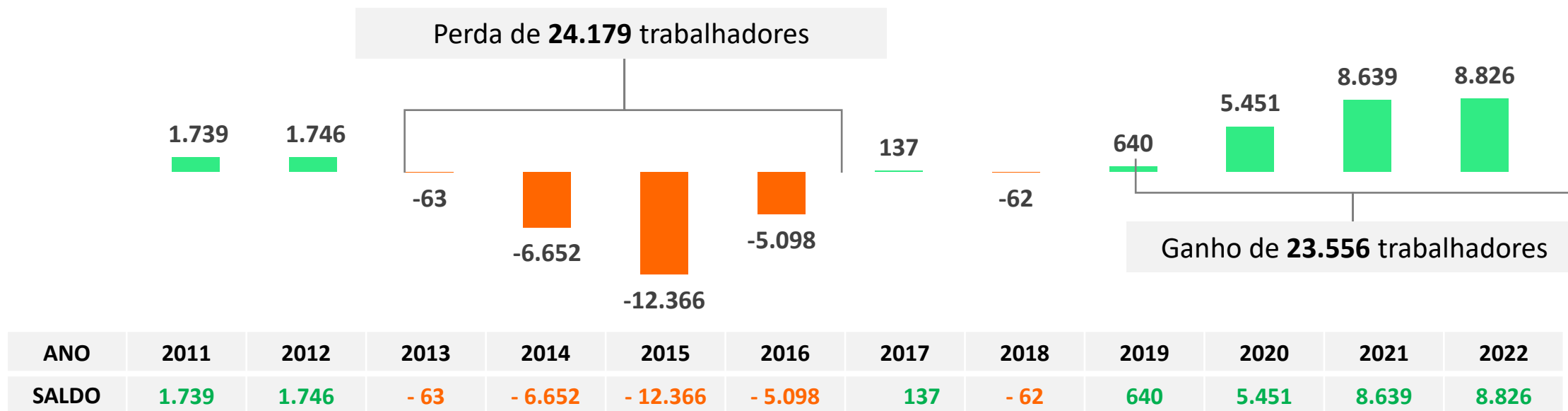
EVOLUÇÃO DO SALDO DE EMPREGOS FORMAIS DA CONSTRUÇÃO EM GOIÁS – 2011 A 2022

2

Queda do número de empregados da construção

Ainda buscando melhor entendimento da movimentação de trabalhadores da construção, utilizando a base de dados do CAGED – 2022, que apresenta o saldo de emprego (Admitidos-Desligados), é possível verificar que os anos de 2013 a 2016 são responsáveis pelos maiores saldos negativos ao longo da série, com recuperação a partir de 2019, mas ainda insuficiente.

Saldo de empregos na construção de 2011 a 2022



15

FONTE: NOVO CAGED 2022

Observação: os dados correspondem ao final de 2022, mas devido a atualizações contínuas, valores diferentes podem aparecer em uma futura consulta.

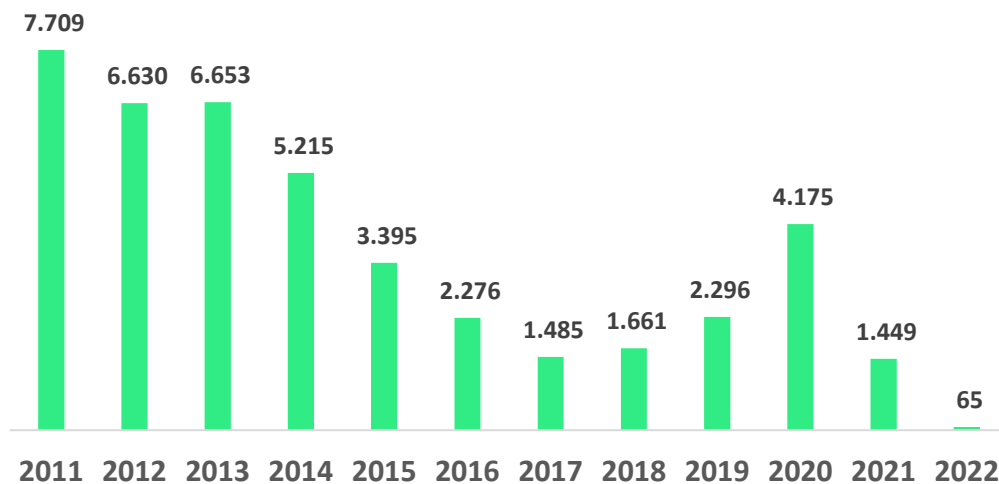
MOTIVOS DE ADMISSÃO E DESLIGAMENTOS NA CONSTRUÇÃO – SÉRIE HISTÓRICA DE 2011 A 2022

2

Queda do número de empregados da construção

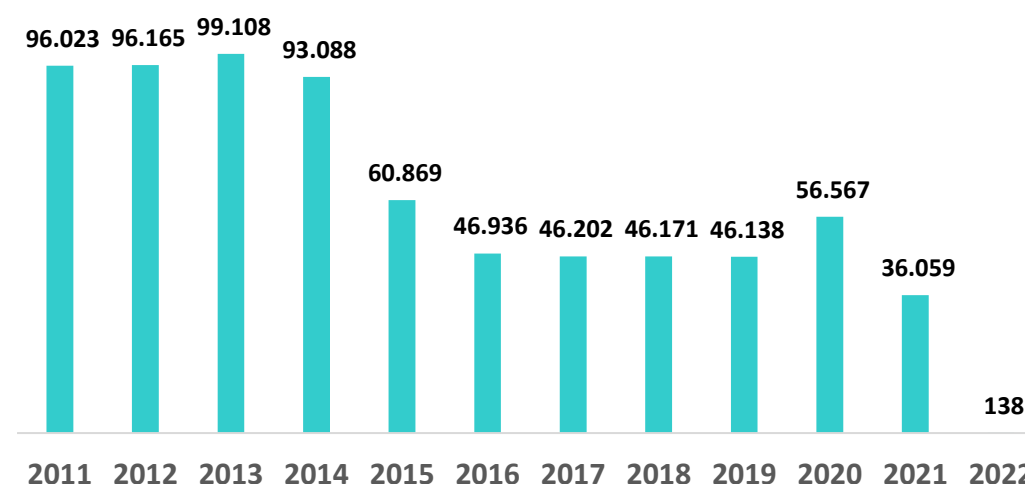
Importante para entender esse cenário é conhecer os dois principais tipos de admissões dos trabalhadores no setor da construção no estado de Goiás: por primeiro emprego e por reemprego.

Admitidos no primeiro emprego



FONTE: NOVO CAGED 2022

Admitidos por reemprego



FONTE: NOVO CAGED 2022

Observação: a partir de 2020 foi adicionada uma nova categoria de admissão e desligamento, chamada "TIPO IGNORADO", que não informa qual a categoria o trabalhador foi adicionado, levando as empresas a não preencher as outras categorias, com isso, pode ocorrer uma redução do número de trabalhadores nos anos de 2020, 2021 e 2022 nas outras categorias.

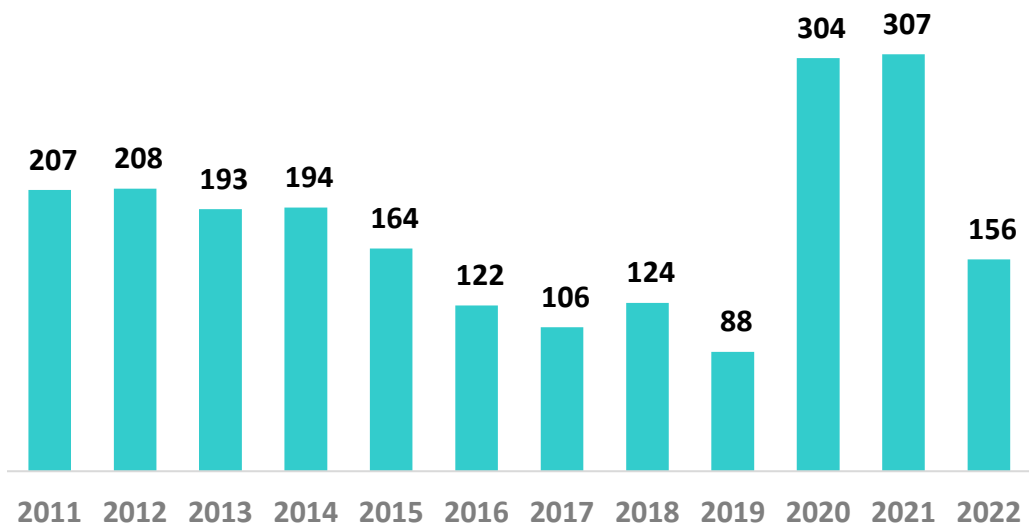
MOTIVOS DE ADMISSÃO E DESLIGAMENTOS NA CONSTRUÇÃO – SÉRIE HISTÓRICA DE 2011 A 2022

2

Queda do número de empregados da construção

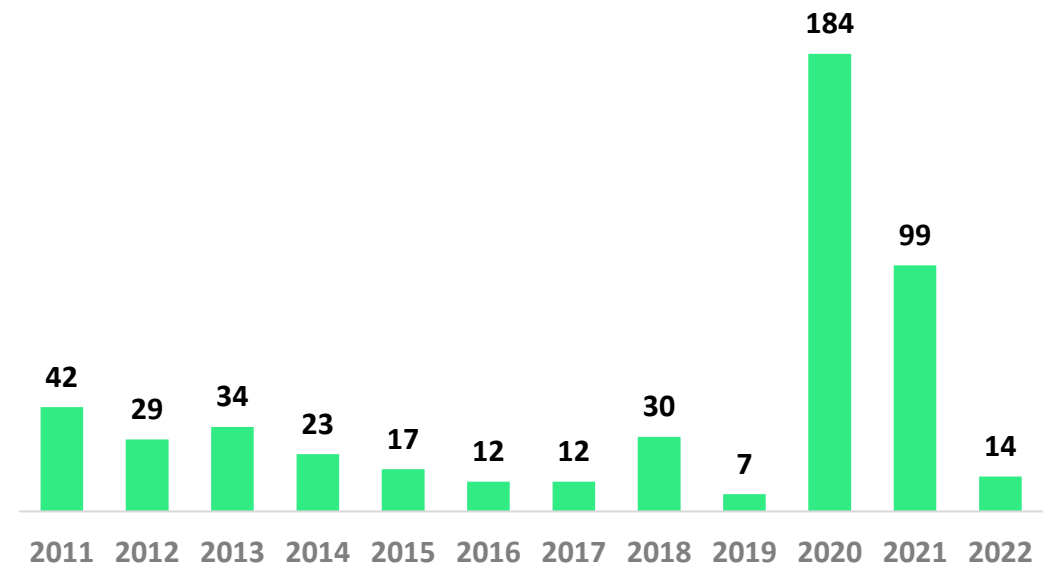
Da mesma forma que as admissões, torna-se relevante acompanhar os desligamentos: por morte e por aposentadoria.

Desligados por morte



FONTE: NOVO CAGED 2022

Desligados por aposentadoria



FONTE: NOVO CAGED 2022

Observação: a partir de 2020 foi adicionado uma nova categoria de admissão e desligamento, chamada "TIPO IGNORADO", que não informa a qual categoria o trabalhador foi adicionado, levando as empresas a não preencher as outras categorias, com isso, pode ocorrer uma redução do número de trabalhadores nos anos de 2020, 2021 e 2022 nas outras categorias.

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPRESAS/EMPREGO NA CONSTRUÇÃO EM GOIÁS – 2011 A 2021

Analisando o número de empresas X número de trabalhadores no período de 2011 a 2021, percebe-se que há queda no número de empresas na casa de 1% (total de 54 empresas), mas a queda no número de trabalhadores formais (15%) é consideravelmente maior (12.334 trabalhadores).

Em 2011 a média era de **12 trabalhadores** por empresa, em 2021 esse número **cai para 10,3**.

Evolução do número de empresas X Empregados na construção – 2011 e 2021

ANO	Nº EMPRESAS	TRABALHADORES		MÉDIA DE TRABALHADORES POR EMPRESA
2011	6.815	81.848	←→	Média de 12 trabalhadores para cada empresa
2021	6.761	69.514	←→	Média de 10,3 trabalhadores para cada empresa
Percentual	1% ↓	15% ↓		Queda de 1,7 ↓ Trabalhador por empresa

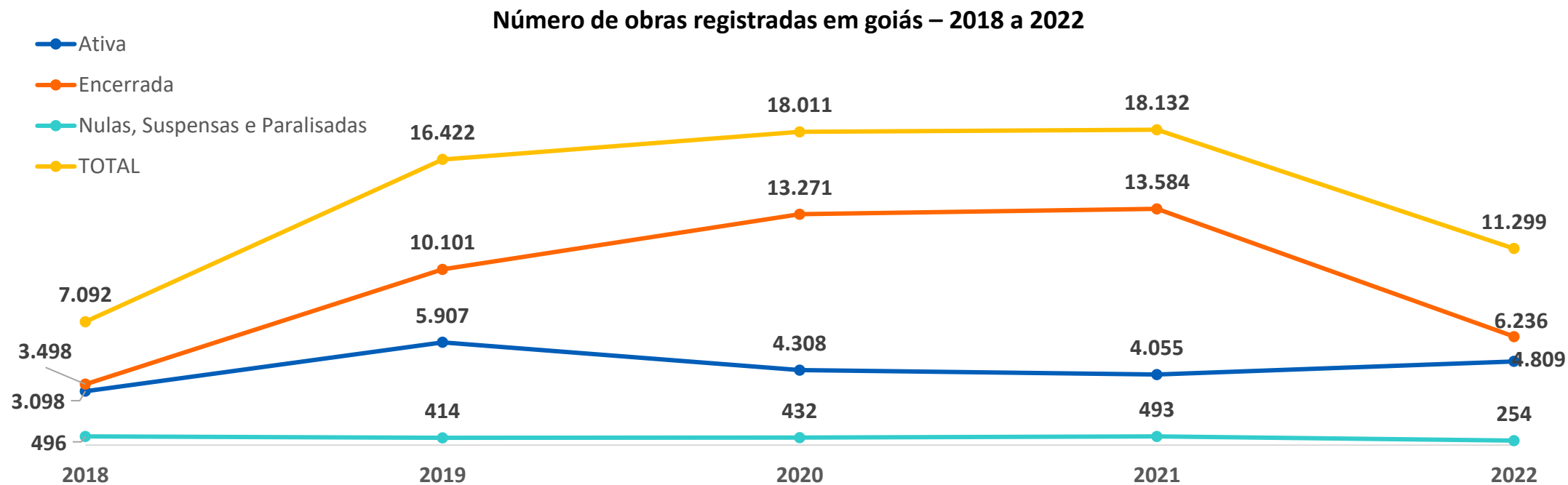
FONTE: RAIS 2021

NÚMERO DE EMPREENDIMENTOS REGISTRADOS EM GOIÁS – SÉRIE HISTÓRICA DE 2018 A 2022

3

Aumento do número de obras na construção

De acordo com dados da Receita Federal – 2022, o número de obras registradas no estado de Goiás cresceu. Entre os anos de 2018 a 2022, a quantidade de obras ativas aumentou 55% (passou de três mil obras ativas em 2011 para 4,8 mil em 2022).



19

FONTE: Cadastro Nacional de Obras – CNO – Receita Federal – 2022

Observação: o número de obras registradas em cada ano não representa necessariamente que ela está sendo contabilizada no ano seguinte.



CAPÍTULO II

Quem é o trabalhador da construção?

CAPÍTULO II – PERFIL DO TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO

Para conhecer quem é o trabalhador da construção, foram levantadas informações sobre gênero, idade, escolaridade, renda e ocupação (formais e informais), bem como desempregados de outras áreas, através de dados levantados em pesquisas primárias e secundárias.

1

Gênero dos trabalhadores formais da construção

2

Faixa etária dos trabalhadores formais da construção

3

Escolaridade dos trabalhadores formais da construção

4

Faixa salarial dos trabalhadores formais da construção geral

5

Ocupação dos trabalhadores informais da construção

6

Faixa etária dos trabalhadores informais da construção

7

Escolaridade dos trabalhadores informais da construção

8

Renda média mensal dos trabalhadores informais da construção

9

Gênero e faixa etária dos desempregados

10

Escolaridade e tempo que está desempregado

11

Tempo que está desempregado, por faixa etária

12

Área de atuação dos desempregados

O perfil dos trabalhadores formais foi identificado através de fontes secundárias: RAIS/2021 e Novo CAGED/2022. O perfil dos trabalhadores informais e desempregados de outras áreas foi obtido através de pesquisas quantitativas, conforme quantidades listadas a seguir:

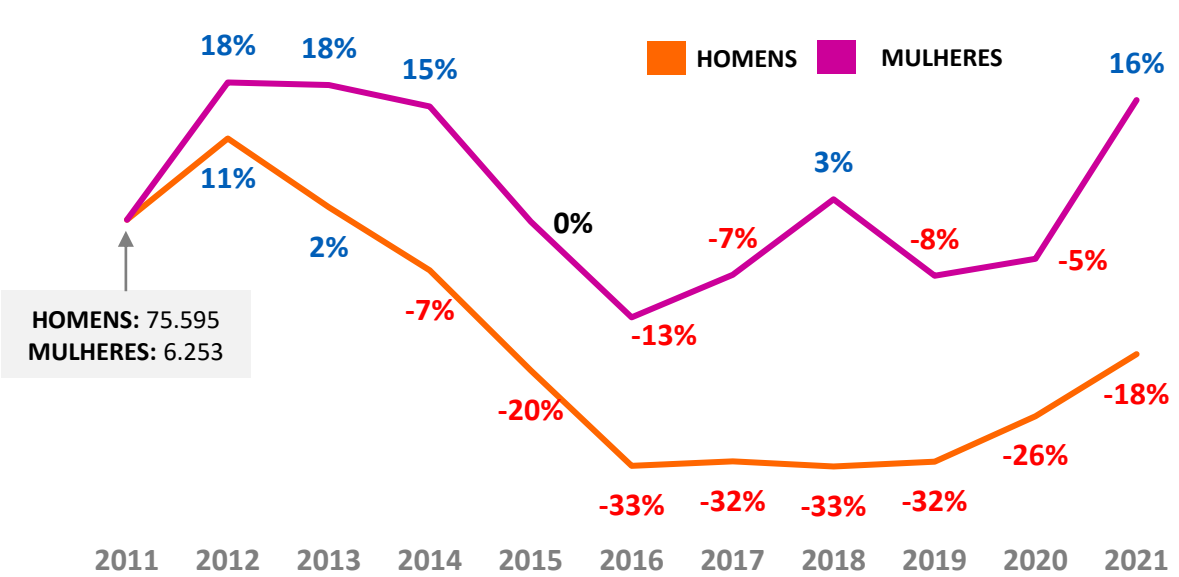
- trabalhadores informais – por opção – 100 entrevistados;
- trabalhadores informais – aguardando recolocação – 31 entrevistados;
- Desempregados de outras áreas – 100 entrevistados.

1

Gênero dos trabalhadores formais da construção

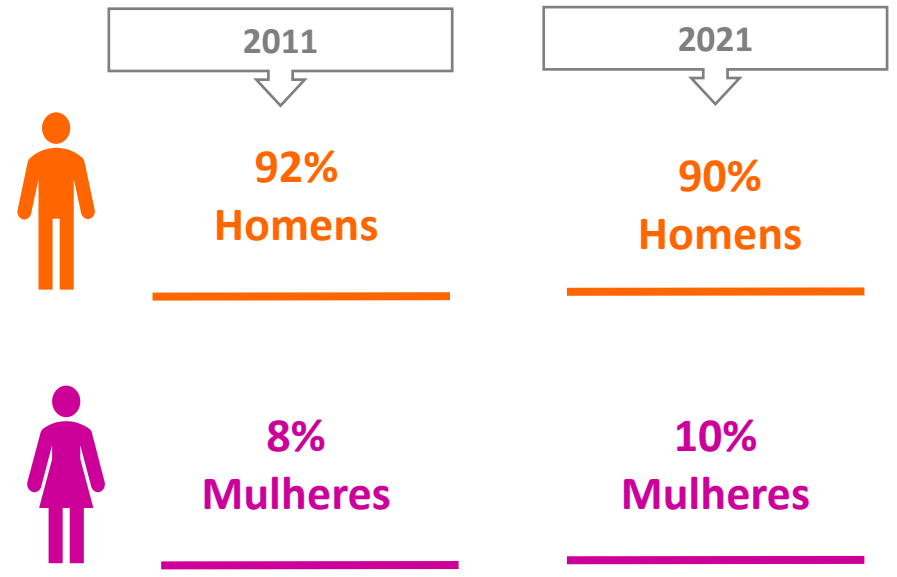
Ao considerar o intervalo de 2011 e 2021, houve uma queda da participação de homens e aumento de mulheres no setor de construção no estado de Goiás. Entre os homens, pode-se constatar uma queda constante no número de trabalhadores.

Participação de homens e mulheres na construção 2011/2021



FONTE: RAIS 2021
Obs.: variação percentual com base no início da série histórica em 2011.

Homens e mulheres na construção em 2011 e 2021

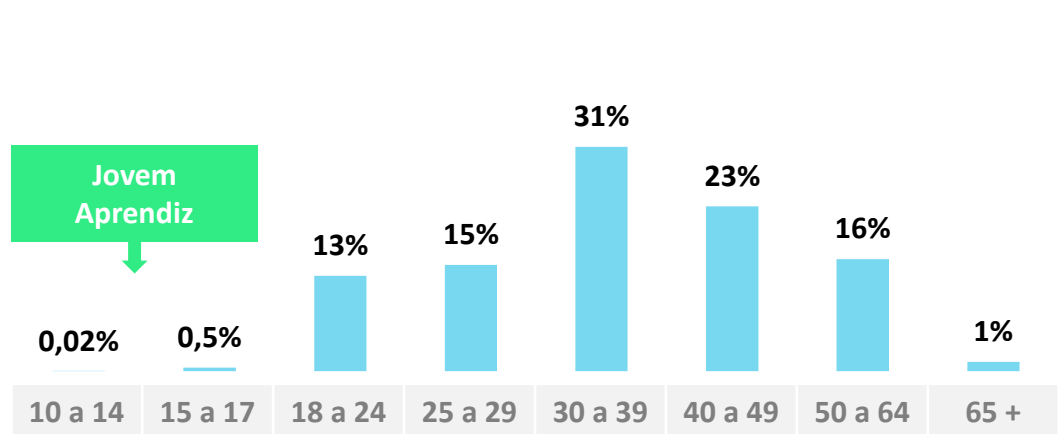


FONTE: RAIS 2021

2

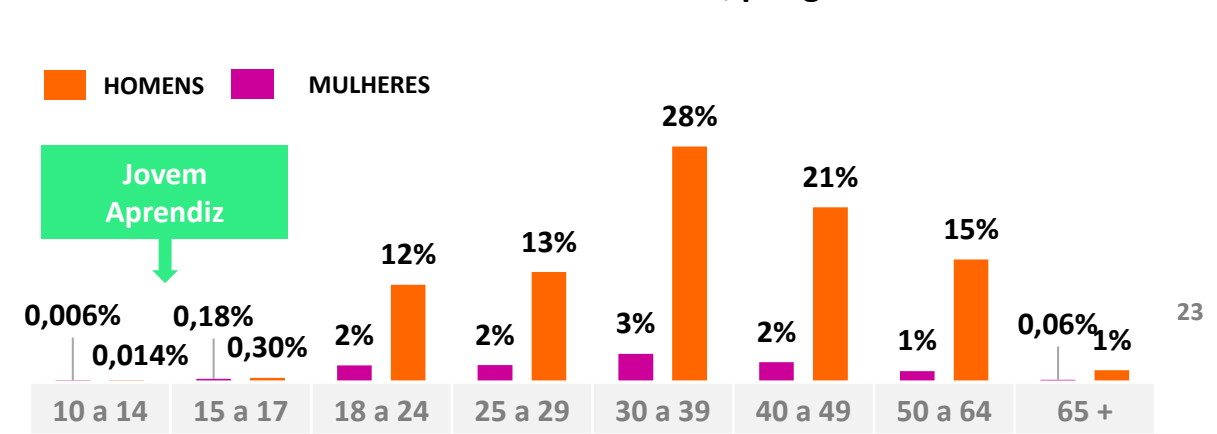
Faixa etária dos trabalhadores formais da construção

Faixa etária dos trabalhadores formais em 2021



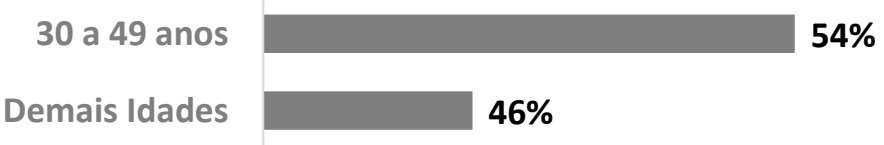
FONTE: RAIS 2021

Faixa etária dos trabalhadores formais, por gênero em 2021



FONTE: RAIS 2021

A força de trabalho na construção inicia-se, principalmente, por volta dos 18 anos de idade, tendo o seu pico entre os trabalhadores de 30 a 39 anos. A partir dessa faixa etária, o número de trabalhadores apresenta uma redução expressiva. O mesmo movimento acontece quando se observa a faixa etária por gênero.

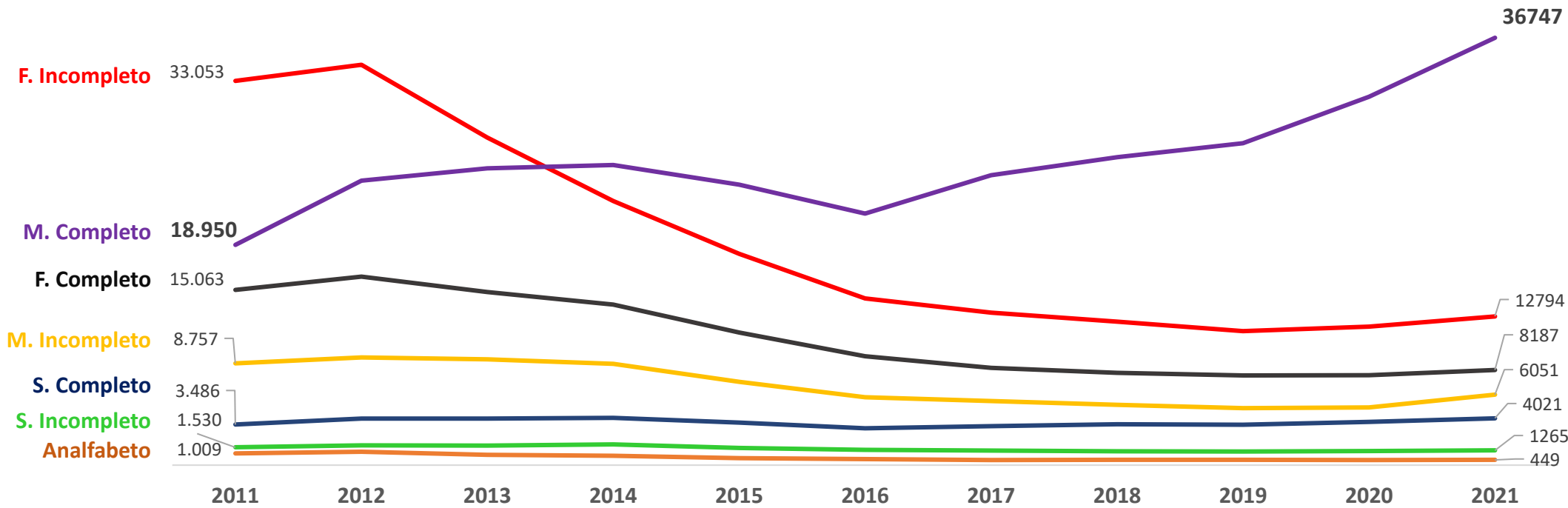


FONTE: RAIS 2021

Os trabalhadores com idade entre os 30 e 49 anos representam mais da metade do total de empregados em 2021.

Evolução do grau de escolaridade na construção de 2011 a 2021 (série histórica)

O número de trabalhadores na construção com ensino médio e nível superior cresceu nos últimos anos.

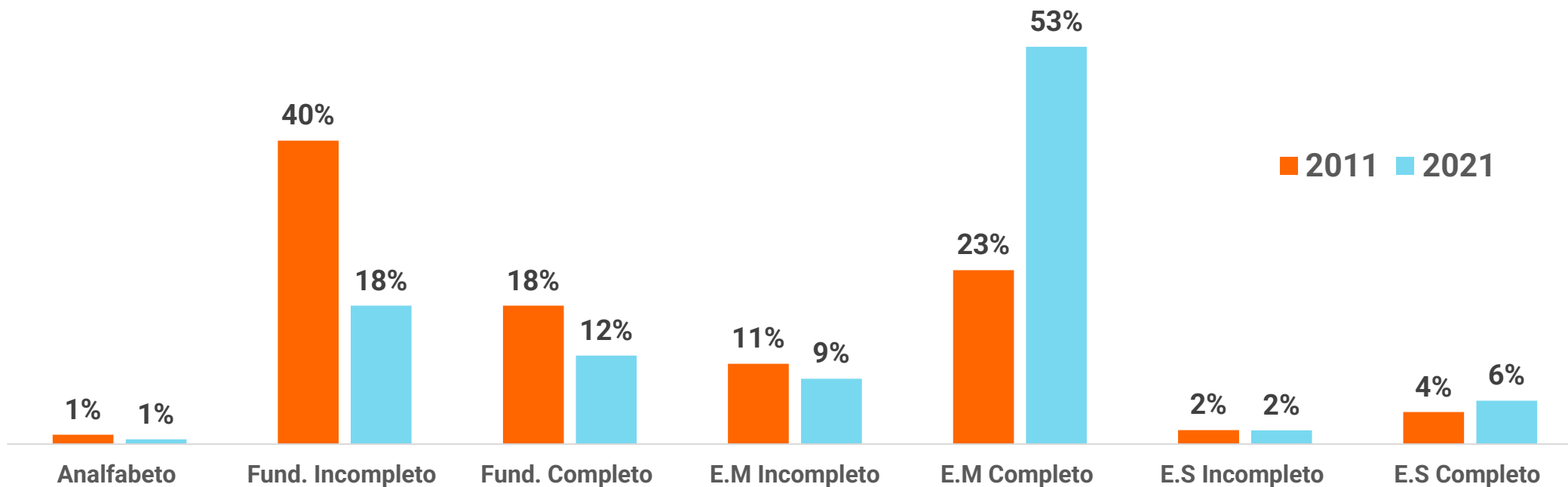


FONTE: RAIS 2021

*Observação: as informações referentes a graduação, mestrado e doutorado foram agrupadas em Ensino Superior Completo.

Nos últimos 10 anos, o percentual de escolaridade em todas as etapas de ensino registrou crescimento, em especial no ensino médio.

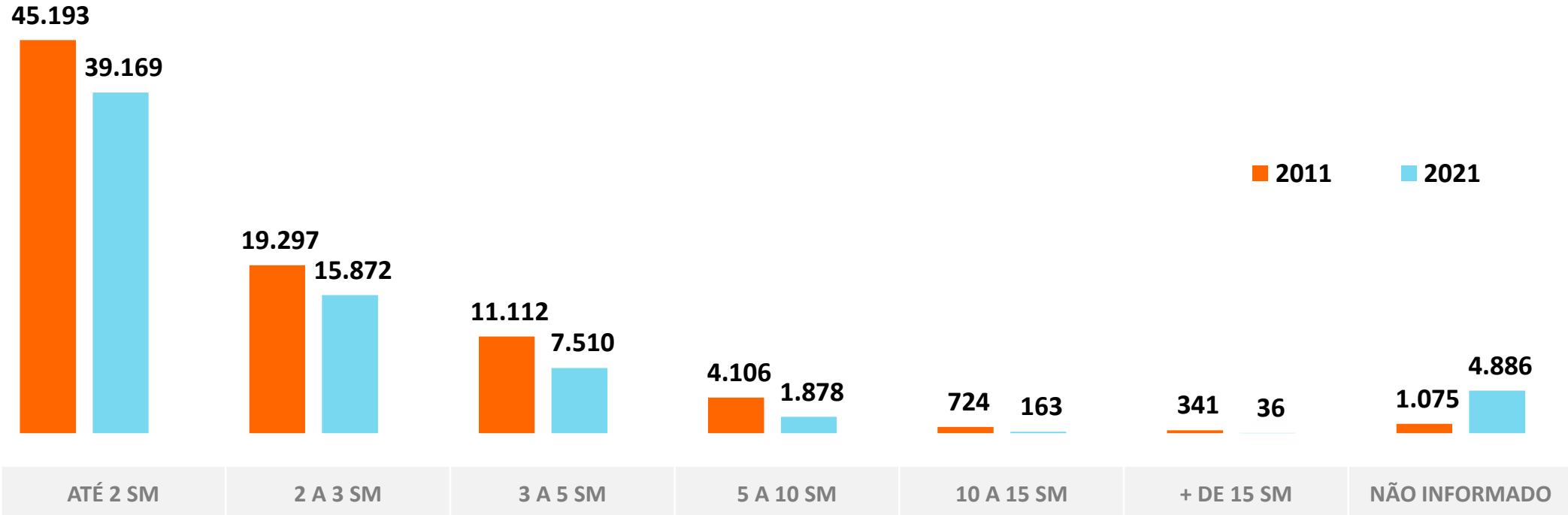
Evolução do grau de escolaridade dos trabalhadores formais da construção (%) entre 2011 e 2021



FONTE: RAIS 2021

*Observação: as informações referentes a graduação, mestrado e doutorado foram agrupadas em Ensino Superior Completo.

Faixa salarial dos trabalhadores formais da construção – 2011 e 2021



FONTE: RAIS 2021
*Observação: SM (salário Mínimo)



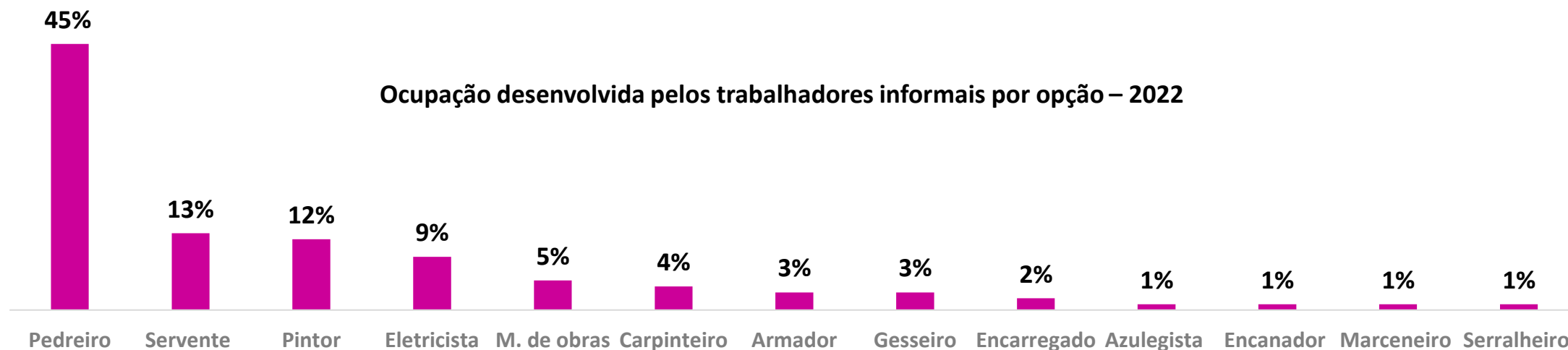
Faixa salarial dos trabalhadores formais da construção em 2021 – por ocupação

Faixa Salarial	Pedreiro	Servente	Pintor	Eletricista	Mestre de Obra	Carpinteiro
ATÉ 1 SM	305	2.660	102	160	21	56
1 A 2 SM	3.253	6.690	842	1.510	268	602
2 A 3 SM	1.315	400	151	2.942	548	318
3 A 5 SM	128	13	14	1.120	633	38
5 A 10 SM	10	-	1	7	214	2
10 A 15 SM	-	-	-	-	7	-
NÃO INFORMADO	648	988	131	437	115	135

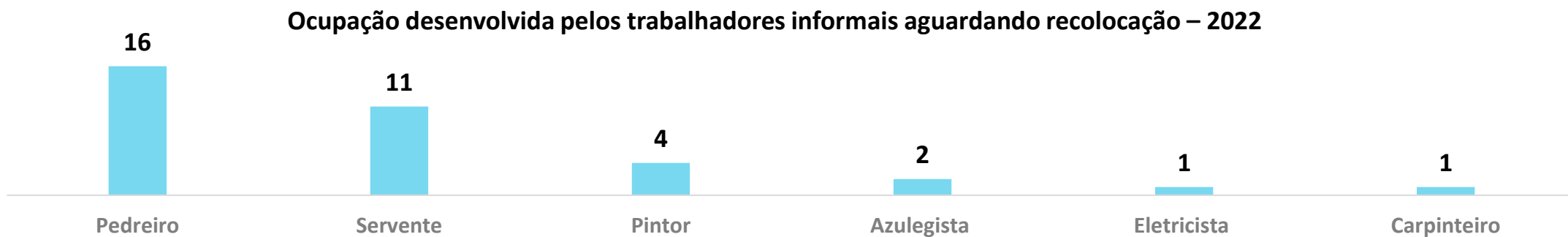
FONTE: RAIS 2021

5

Ocupação dos trabalhadores informais da construção

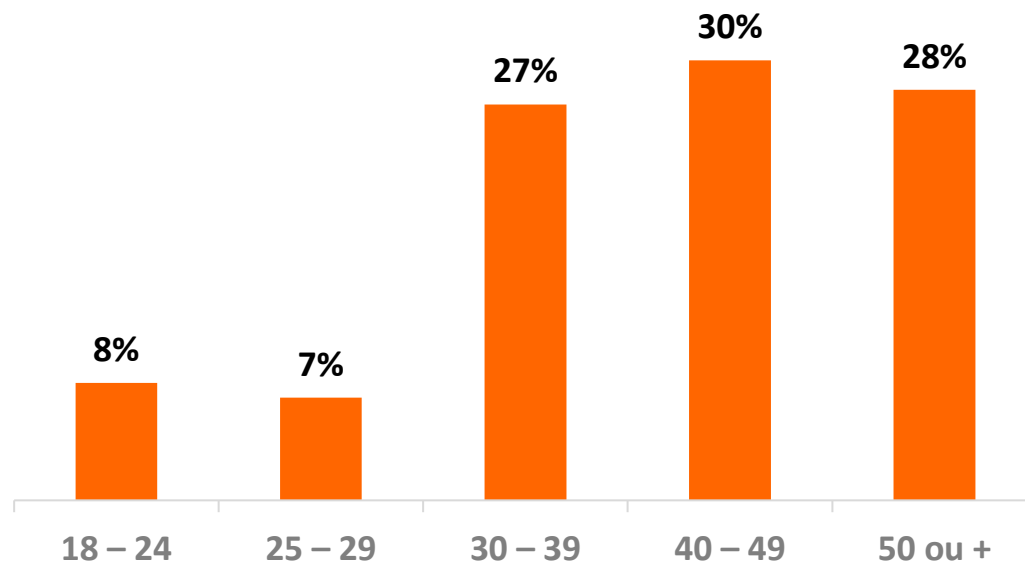


FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 100 trabalhadores informais por opção. A pergunta admitia mais de uma resposta.



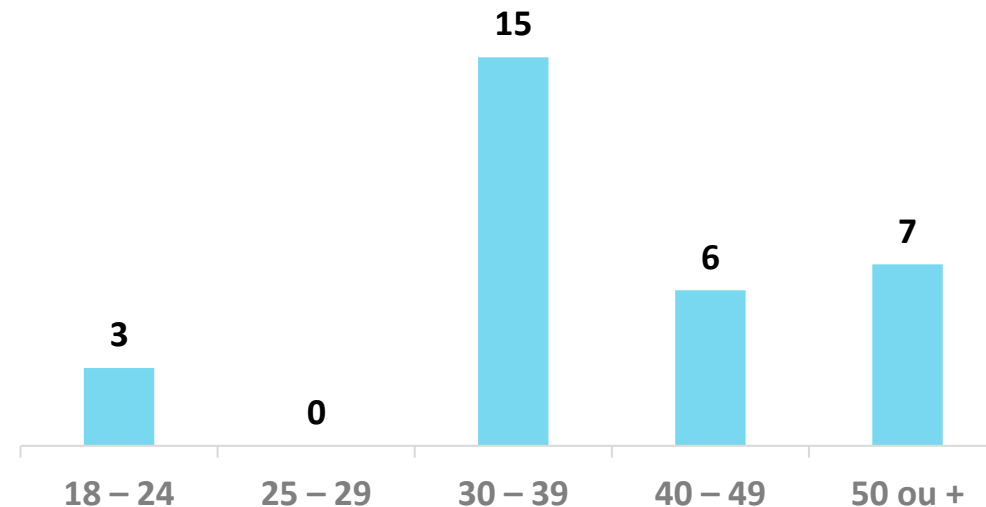
FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 31 trabalhadores informais aguardando recolocação. A pergunta admitia mais de uma resposta.

Faixa etária dos trabalhadores da construção informais por
opção – 2022



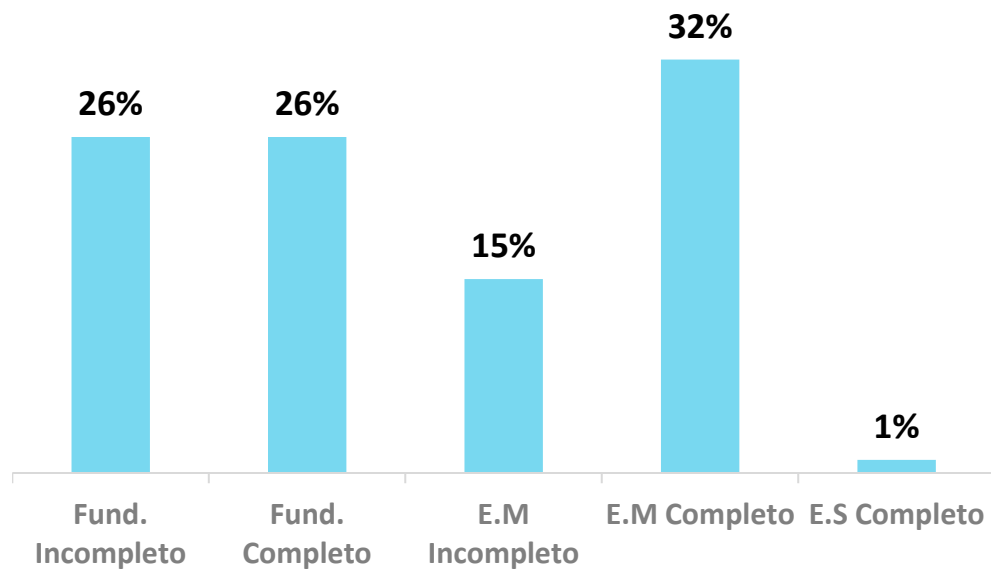
FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 100 trabalhadores informais por opção.

Faixa etária dos trabalhadores da construção informais
aguardando recolocação – 2022 (nº absolutos)



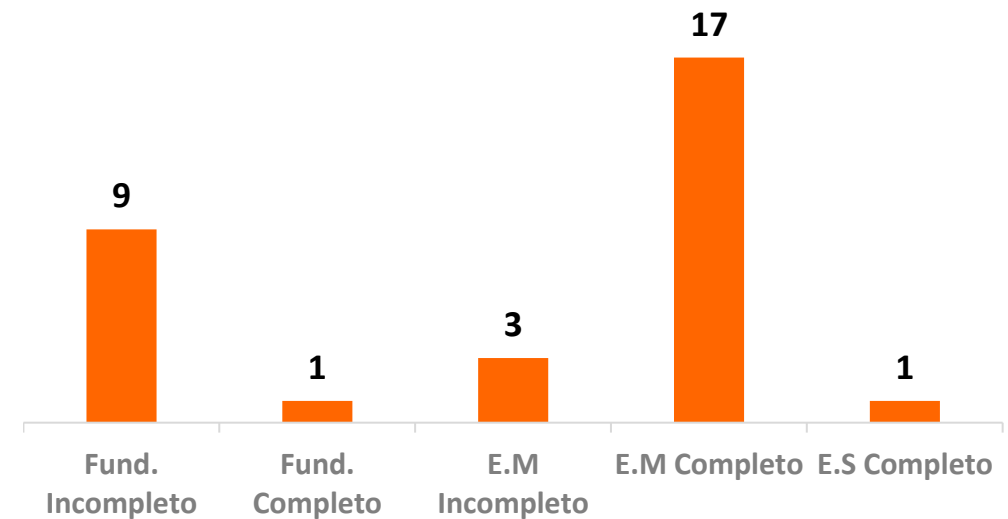
FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 31 trabalhadores informais aguardando recolocação.

Escolaridade dos trabalhadores informais da construção por opção – 2022



FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 100 trabalhadores informais por opção.

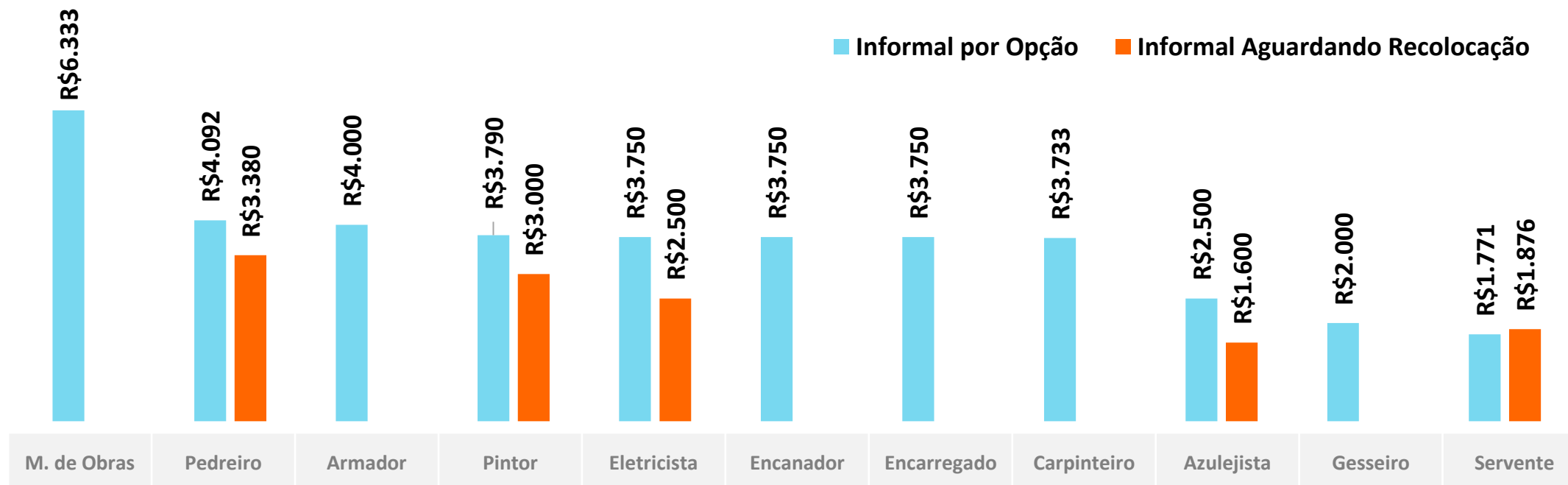
Escolaridade dos trabalhadores informais da construção aguardando recolocação – 2022 (nº absolutos)



FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 31 trabalhadores informais aguardando recolocação.

A renda média está destacada por função e varia entre R\$1.771,00 e 6.333,00, para serventes e mestres de obras, respectivamente.

Renda média mensal dos trabalhadores informais por opção e aguardando recolocação – 2022



FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG

BASE: 65 trabalhadores informais por opção / 20 trabalhadores informais aguardando recolocação.

Observação: alguns entrevistados não quiseram informar a renda média mensal: 35 trabalhadores informais por opção / 11 trabalhadores informais aguardando recolocação.

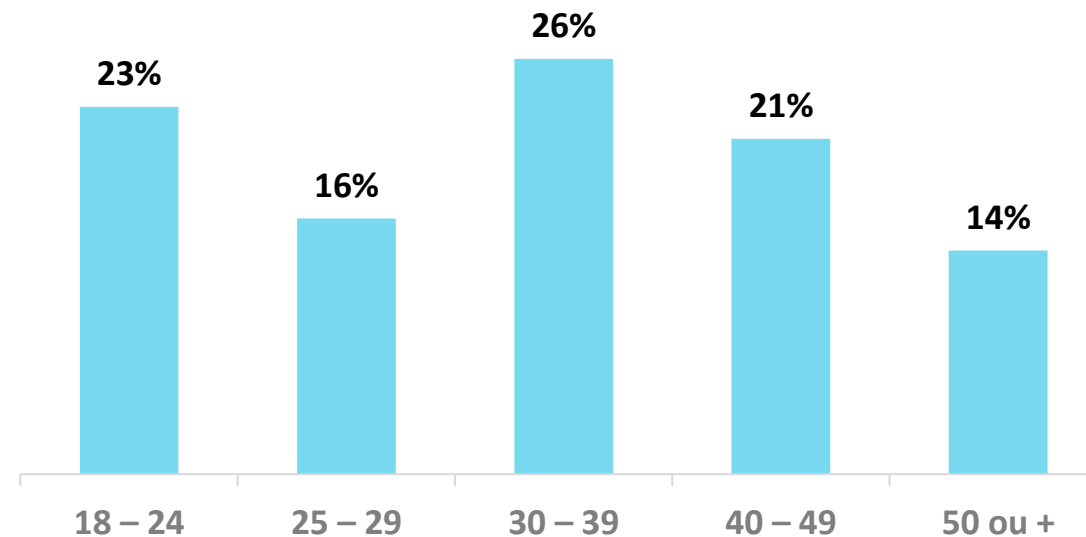
A maior concentração de pessoas em busca de uma vaga está na faixa etária de 30 a 39 anos, seguida dos jovens até 24 anos.

Gênero dos desempregados pesquisados – 2022



FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 100 desempregados

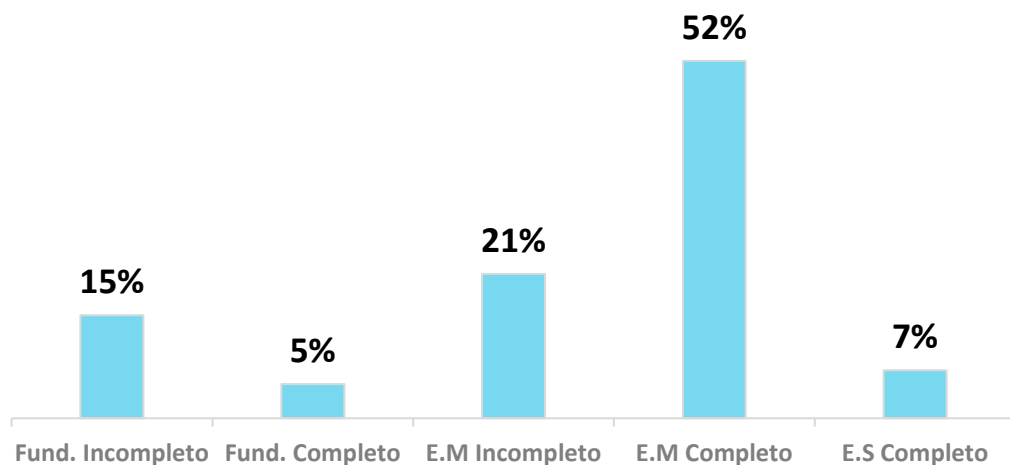
Faixa etária dos desempregados pesquisados – 2022



FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 100 desempregados

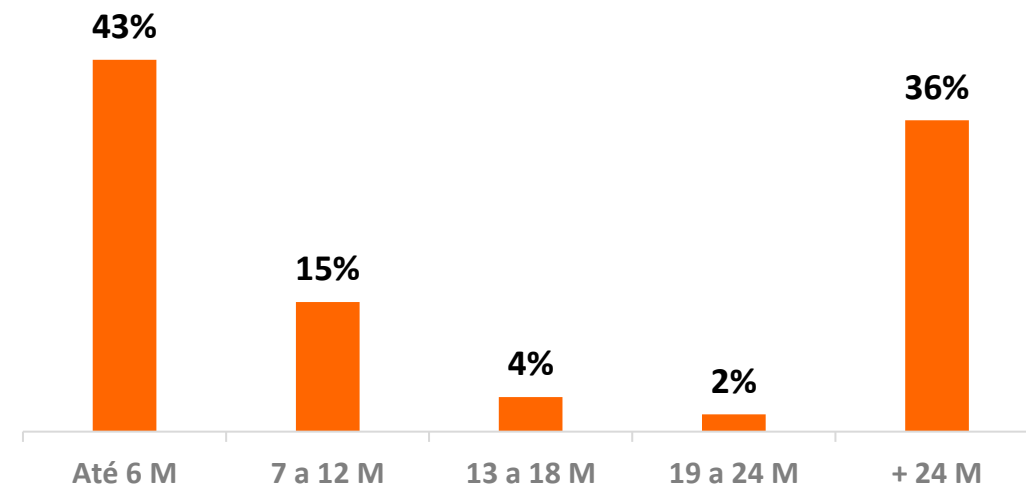
A maioria dos entrevistados (52%) à procura de emprego possui ensino médio completo e está à procura de emprego a mais de 12 meses.

Escolaridade dos desempregados pesquisados – 2022



FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 100 desempregados

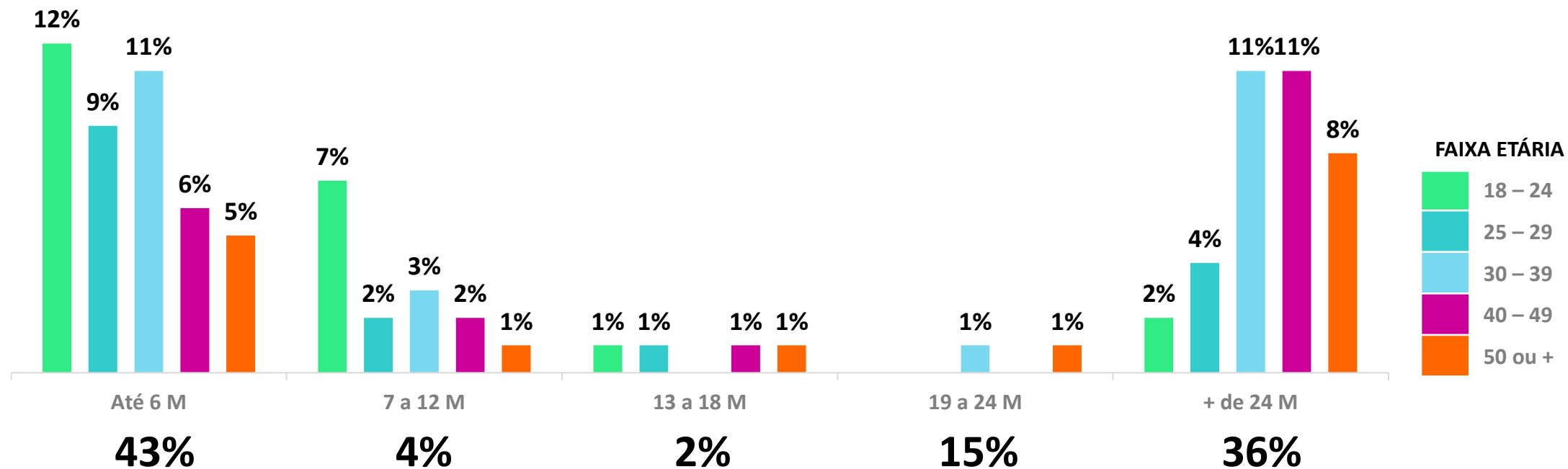
Tempo que está desempregado – 2022



FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 100 desempregados

Mais da metade (53%) dos entrevistados está desempregado a mais de 1,5 ano.

Tempo em que está desempregado por faixa etária – 2022



FONTE: Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE 100 desempregados

Dos 100 entrevistados à procura de emprego, quatro são da área da construção.

Área de atuação dos pesquisados

FUNÇÕES	%	FUNÇÕES	%	FUNÇÕES	%
Vendedor	12%	Segurança	3%	Soldador	2%
Motorista	7%	Atendente	3%	Operador de Telemarketing	2%
Auxiliar de Produção	4%	Auxiliar em Supermercado	3%	Mecânico	2%
Serviços Gerais	4%	Estoquista	2%	Técnico em Informática	2%
Assistente Administrativo	3%	Jardineiro	2%	Açougueiro	1%
Comerciante	3%	Lanterneiro	2%	Autônomo	1%
Marceneiro	3%	Porteiro	2%	Borracharia	1%
Operador de Máquinas	3%	Preparador Automotivo	2%	Cabeleireira	1%
Agricultor	3%	Repositor	2%	Carpinteiro	1%
Operador de Caixa	3%	Serralheiro	2%	Carteiro	1%



CAPÍTULO III

Para onde foram os trabalhadores?

PARA ONDE FORAM OS TRABALHADORES?

Uma vez constatada a escassez de mão de obra, devido à queda do número de empregados, superior à do número de empresas e o grande número de registros de obras no estado, fica a pergunta: para onde foram os trabalhadores?

Várias são as hipóteses de destino desses trabalhadores, uma vez que, pelos dados apresentados pelo CAGED, não foram readmitidos em sua totalidade pelas empresas do setor.

Principais Hipóteses

1

Registraram MEI – Microempreendedor Individual em atividades da construção

2

Estão na informalidade por opção ou aguardando recolocação

3

Não têm interesse na construção

4

Não têm qualificação

5

Migraram para outras áreas

6

Retornaram para seus estados de origem

A partir de pesquisas primárias (quantitativa e qualitativa), bem como pesquisas secundárias, foram levantados alguns dados relevantes para compreender cada uma das hipóteses apresentadas.

Principais dados levantados:

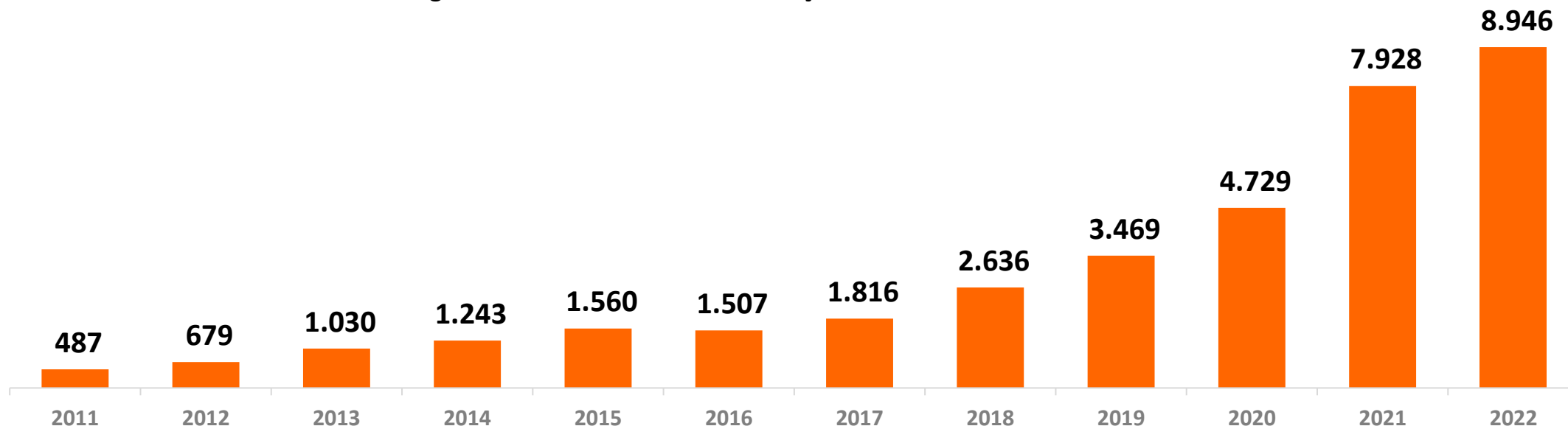
- Série histórica do registro de MEIs em Goiás;
- Informações dos trabalhadores informais;
- Informações dos trabalhadores formais.

1

Registraram MEI – Microempreendedor Individual em atividades da construção

De acordo com dados da Receita Federal – 2022, o número de cadastro de MEI (Micro Empreendedor Individual) ativos nas atividades relacionadas à construção registrou crescimento médio anual de 32%, alcançando um aumento de quase 2.000%, no período.

Registros de MEIs ativos da construção em Goiás – 2011 a 2022



FONTE: Receita Federal – 2022

Observação: devido a atualizações contínuas, valores diferentes podem aparecer em uma futura consulta.

Registros de MEIs ativos – Principais atividades – 2011 – 2022

ANO	Refrigeração/ Climatização	Eletricista	Acabamento em Gesso	Obras de Alvenaria	Pintura de Edifícios	TOTAL
2011	21	132	14	166	60	393
2012	34	172	19	268	100	593
2013	48	217	29	479	155	928
2014	79	242	31	607	172	1.131
2015	110	305	53	694	215	1.377
2016	113	334	40	641	170	1.298
2017	164	421	57	839	228	1.709
2018	193	596	82	1.355	363	2.589
2019	234	675	143	1.867	530	3.449
2020	313	1.027	192	3.095	756	5.383
2021	411	1.397	262	3.750	951	6.771
2022	521	1.781	282	4.147	1.201	7.932

FONTE: Receita Federal – 2022

Observação: foram utilizadas as principais subclasses do setor de construção. Devido a atualizações contínuas, valores diferentes podem aparecer em uma futura consulta.

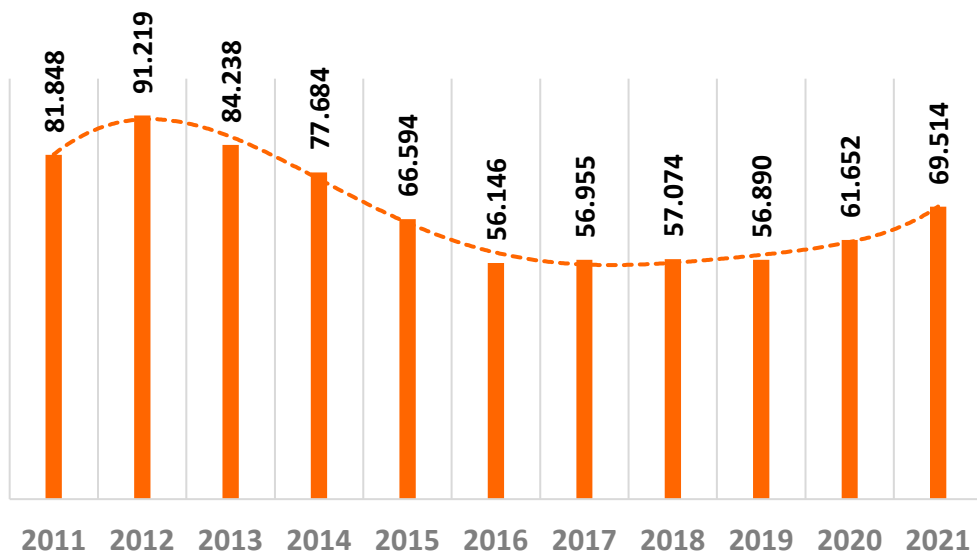
PARA ONDE FORAM OS TRABALHADORES?

1

Registraram MEI – Microempreendedor Individual em atividades da construção

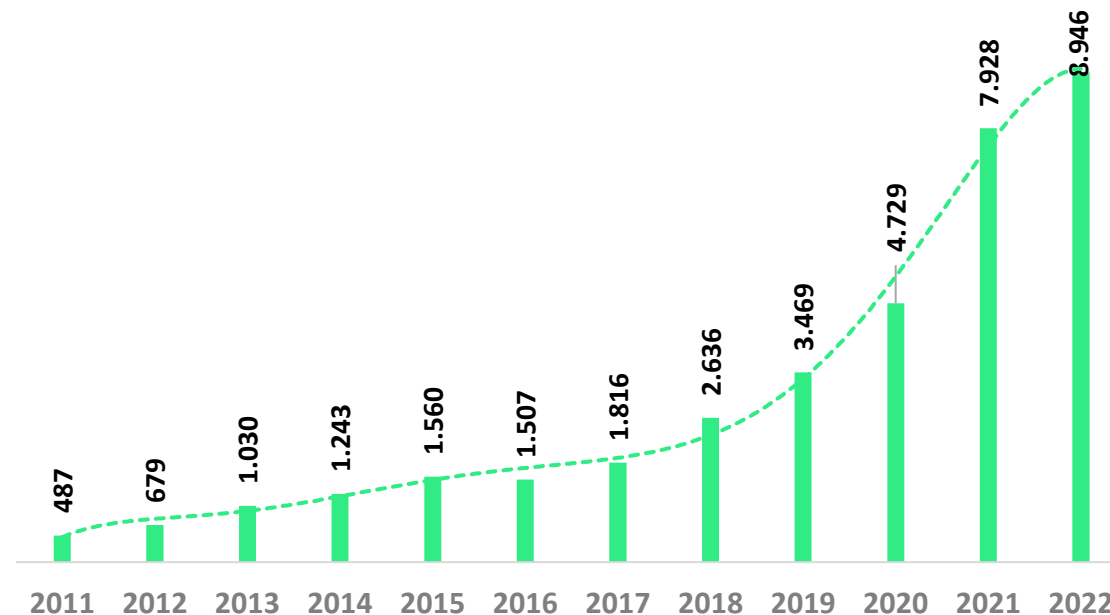
Comparativo entre estoque de empregados na construção e registros de MEI – 2011 – 2022.

Estoque de empregados na construção – 2011 – 2021



FONTE: RAIS 2021

Registro de MEIs Ativos na construção – 2011 – 2022



FONTE: Receita Federal – 2022



Registraram MEI – Microempreendedor Individual em atividades da construção

Conforme os dados da RAIS 2021, o número de empresas em Goiás apresentou queda de 1% entre os anos de 2011 a 2021, enquanto o número de trabalhadores cai 15%. Em contrapartida, o registro de MEI registrou crescimento de 1.737% no mesmo período.

Registro de empresas, trabalhadores 2011/2022

ANO	EMPRESAS	TRABALHADORES	MEI
2011	6.815	81.848	457
2021	6.761	69.514	8.946 (2022)
Var.	1% ↓	15% ↓	1.737% ↑

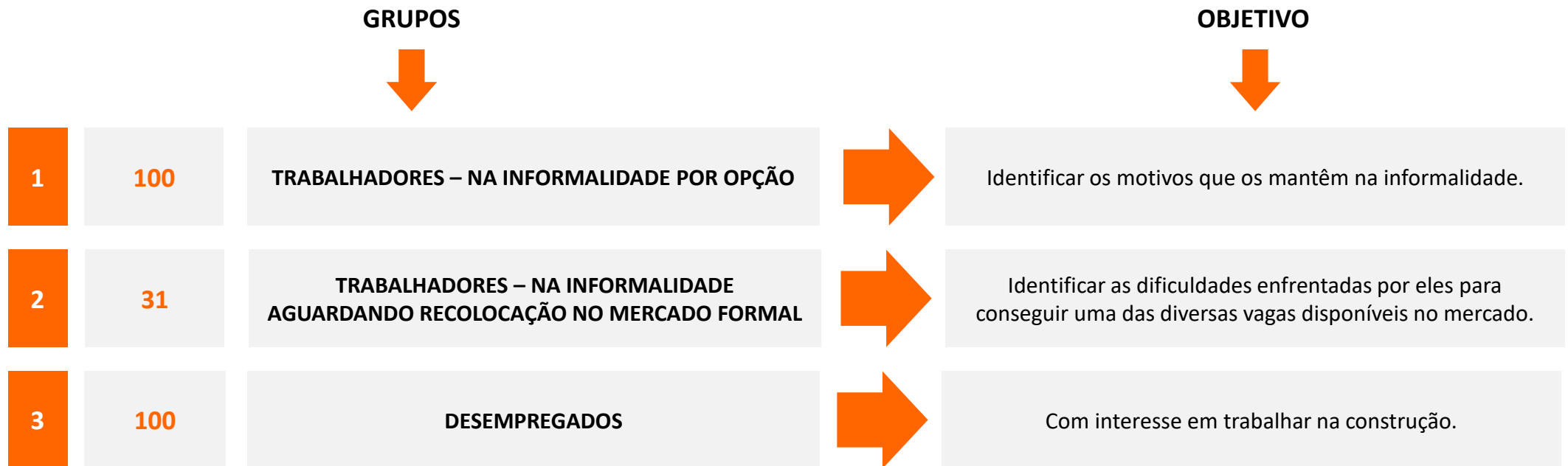
2

Estão na informalidade por opção
ou aguardando recolocação

Sabendo que grande parte dos trabalhadores atua na informalidade, entendeu-se importante e relevante para esse estudo, conhecer um pouco esse trabalhador.

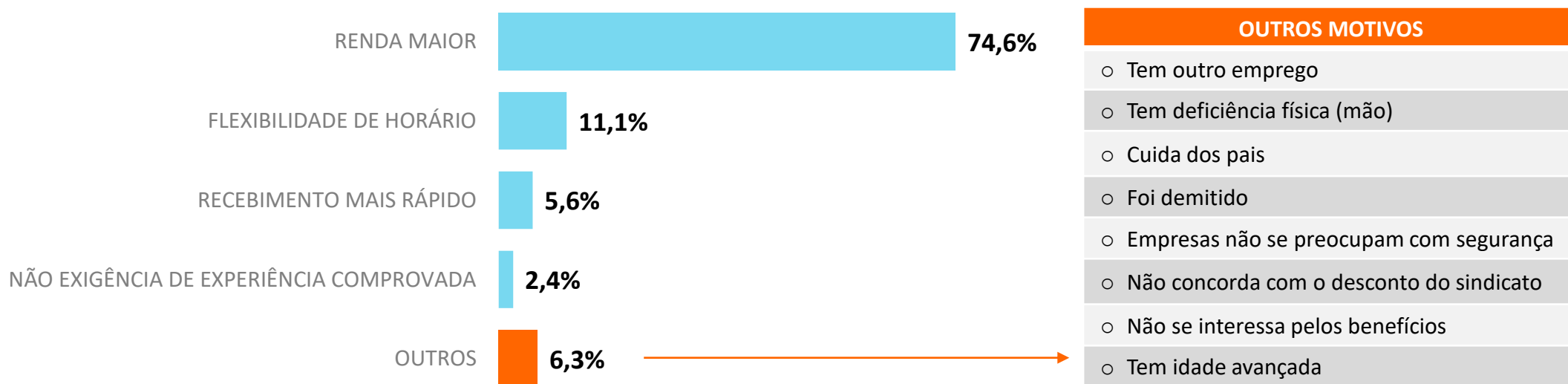
Foram pesquisados **trabalhadores** da construção atuando na informalidade, que foram separados em grupos para investigação: os que estão na informalidade por opção e os que estão na informalidade aguardando recolocação.

Também foram pesquisados desempregados de outras áreas, afim de verificar interesse na construção.



Dentre os principais motivos apontados pelos que optaram por atuar na informalidade, o que mais se destacou (74,6%) foi a possibilidade de "renda maior", seguido pela "flexibilidade de horário" (11,1%).

Motivos dos trabalhadores optarem pela informalidade



Foi questionado aos trabalhadores formais quais, em suas visões, são os pontos negativos de trabalhar na formalidade, e os mais citados foram: **descontos no salário** (29%), seguido por **baixos salários** (27,01%). Outros (27,1%), apontaram **carga horária elevada** e **cumprimento de horário** (10%).

Pontos negativos do trabalho formal na visão dos trabalhadores formais

RESPOSTA	%	RESPOSTA	%
Descontos no salário	29,0%	Ser subordinado	1,4%
Baixos salários	27,1%	Atraso no pagamento do salário	0,9%
Carga horária elevada	10,0%	Limita os ganhos	0,9%
Responsabilidade de cumprir horário	10,0%	Obra acabar e perder emprego	0,9%
Receber mensalmente e não quinzenal	3,6%	Perde os benefícios do governo	0,9%
Falta de liberdade	3,2%	Trabalho pesado	0,9%
Ter na obra terceirizado que ganha mais que registrado	1,8%	Outros	9,5%

2

Estão na informalidade por opção ou aguardando recolocação

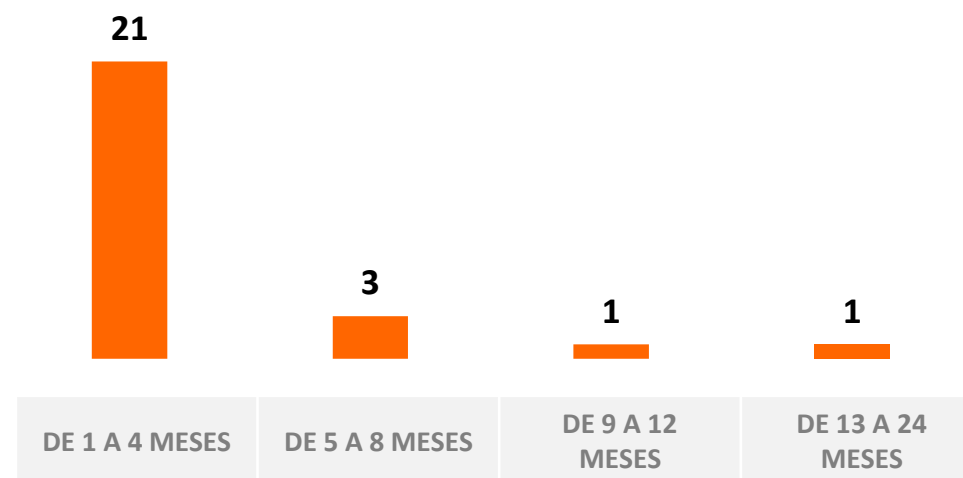
Para os trabalhadores que estão na informalidade enquanto aguardam recolocação, a **insatisfação com o salário oferecido pelas empresas** é o principal motivo, seguido pela **falta de experiência** e de **qualificação** para as vagas a que concorrem.

Motivos de não se enquadrarem nas vagas de emprego a que concorrem

RESPOSTAS	Nº
Salário oferecido pelas vagas é insatisfatório	10
Falta de experiência para a vaga	6
Falta de qualificação exigida para a vaga	6
Empresas chamam para entrevista, mas não chamam para trabalhar	1
Idade – as empresas não querem contratar pessoas mais velhas	1
Empresas desconsideram a experiência e oferecem salários incompatíveis	1

FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 26 Informais aguardando recolocação. A pergunta admitia mais de uma resposta.
Obs.: cinco entrevistados não souberam responder.

Tempo em que estão aguardando recolocação



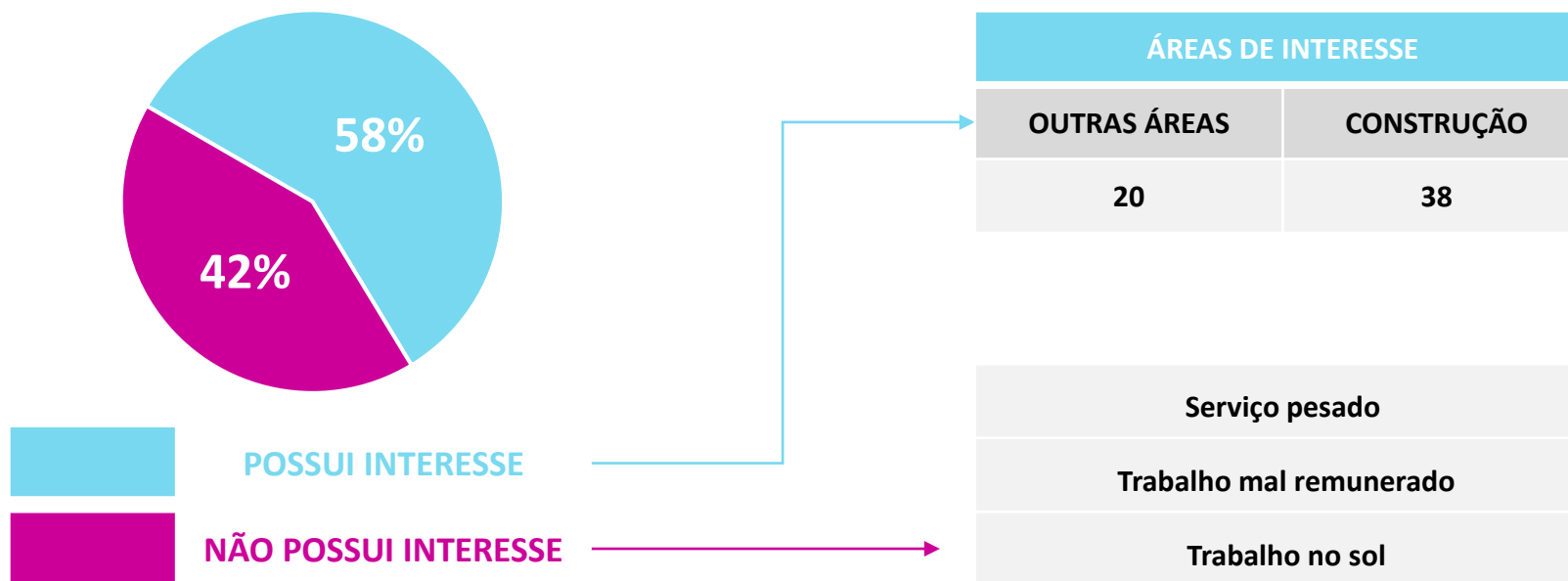
FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 26 Informais aguardando recolocação.
Obs.: cinco entrevistados não responderam.

3

Não têm interesse na construção

Foi perguntado aos desempregados se tinham interesse em mudar de área e 42% afirmaram que não. Dos 58% que declararam ter interesse em mudar de área, 20% não se interessam pela construção.

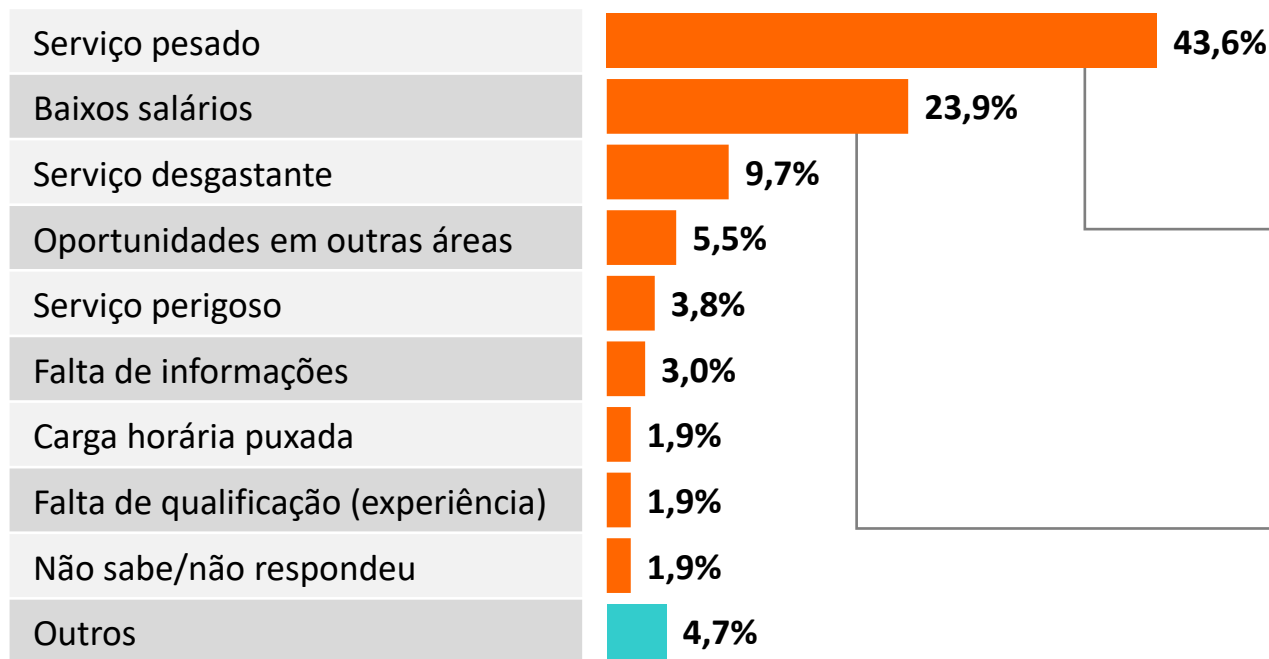
Interesse em mudar de área



FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 100 desempregados

De acordo com o trabalhador formal, o "serviço pesado" e os "baixos salários" geram desinteresse pelo trabalho na construção.

Motivos que levam as pessoas a não trabalharem na construção, na visão dos trabalhadores formais



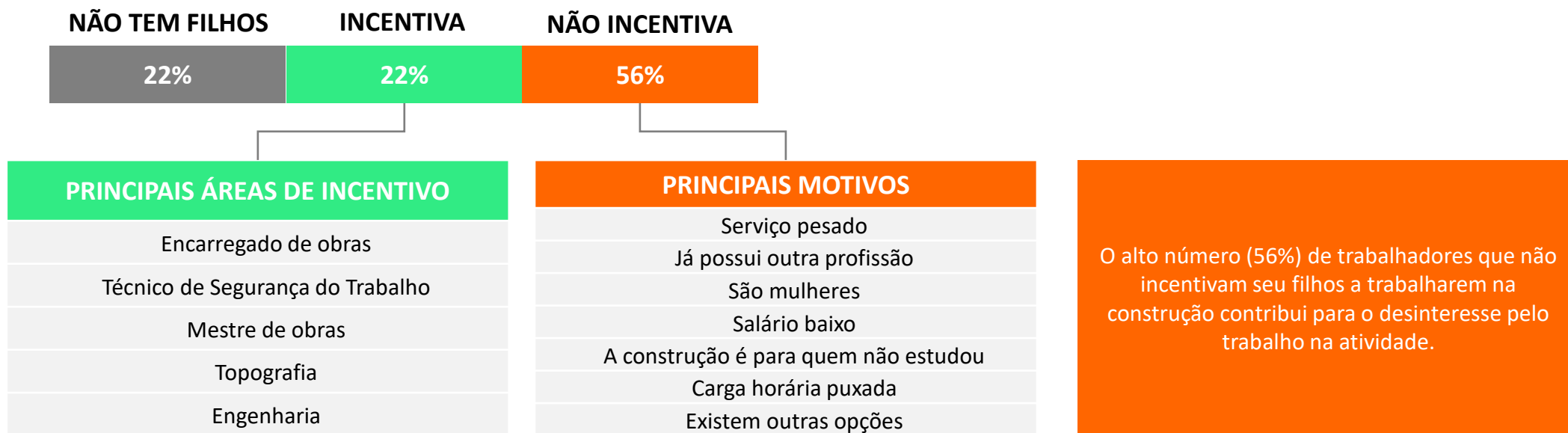
O principal ponto apresentado pelos entrevistados foi em relação ao **SERVIÇO PESADO**, o que demonstra a falta de mecanização nas obras, sendo um dos principais gargalos do setor, dificultando a contratação de mão de obra.

O segundo ponto identificado foi sobre os **BAIXOS SALÁRIOS** oferecidos aos trabalhadores na construção, principalmente a serventes/ajudantes.

FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
 BASE: 430 trabalhadores formais. A pergunta admitia mais de uma resposta.

Entendendo que algumas profissões passam de pai para filho, ou sejam, os filhos se interessam pela atividade dos pais, foi questionado aos trabalhadores formais se incentivam seus filhos a trabalharem na construção.

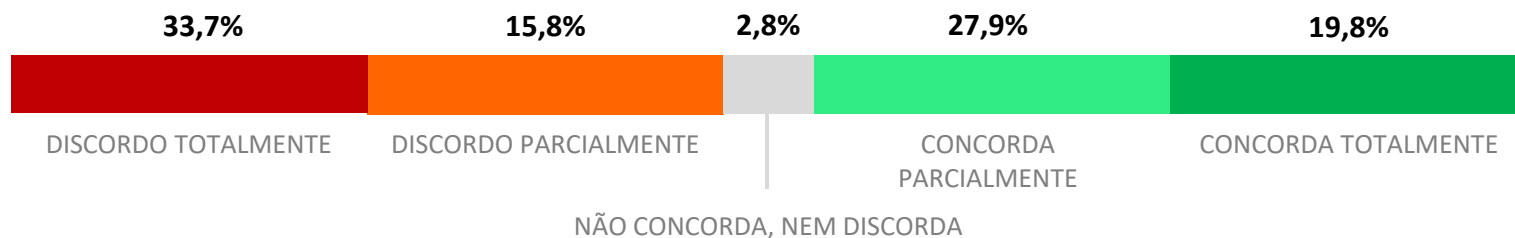
Incentivo dos trabalhadores formais para os filhos trabalharem na construção



FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
 BASE: 430 trabalhadores Formais. A pergunta admitia mais de uma resposta.

Ser feliz no que faz, trabalhar habilidades e hobbies, obter status e **RECONHECIMENTO**, seguir valores e crenças, além de remuneração são fatores decisivos no processo de escolha da profissão. Assim, foi perguntado aos trabalhadores formais como percebem que são vistos pela sociedade.

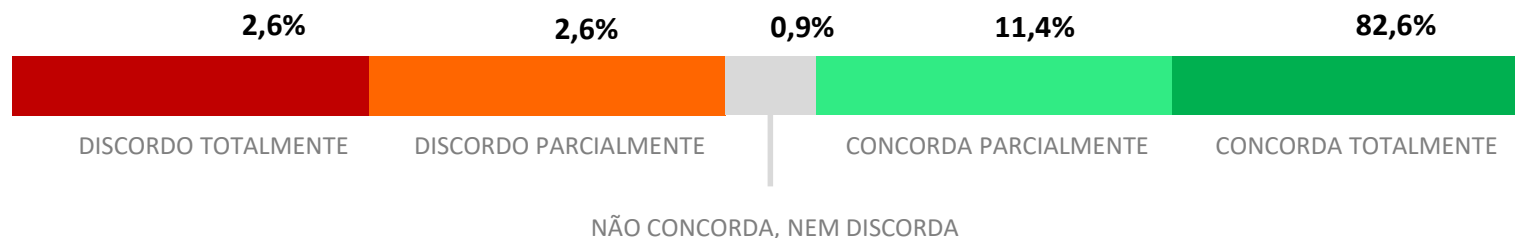
Opinião dos trabalhadores formais quanto à afirmação: "os trabalhadores são vistos com discriminação pela sociedade"



Grande parte (47,7%) dos trabalhadores concorda total ou parcialmente que são vistos com discriminação pela sociedade, o que impacta diretamente o interesse pela atividade.

49

Opinião dos trabalhadores formais quanto à afirmação: "os trabalhadores da construção são vistos como trabalhadores (esforçados)"



A grande maioria (94%), percebe reconhecimento por parte da sociedade de que são esforçados e "trabalhadores".

De acordo com gestores de Recursos Humanos de grandes empresas atuantes em todo o estado (Enec Engenharia, Toctao Engenharia, Opus, Easy Engenharia, Engeseg Engenharia, Masi Engenharia, Merzian, Consciente Construtora), falta qualificação aos trabalhadores que se candidatam às vagas abertas.

"As pessoas não têm conhecimento do serviço".

"Falta de conhecimento do processo".

"As pessoas não sabem fazer o trabalho".

"Muitos cargos nem exigimos cursos e, mesmo sem esta exigência, eles não têm conhecimento do serviço".

"Falta experiência para todos os cargos".

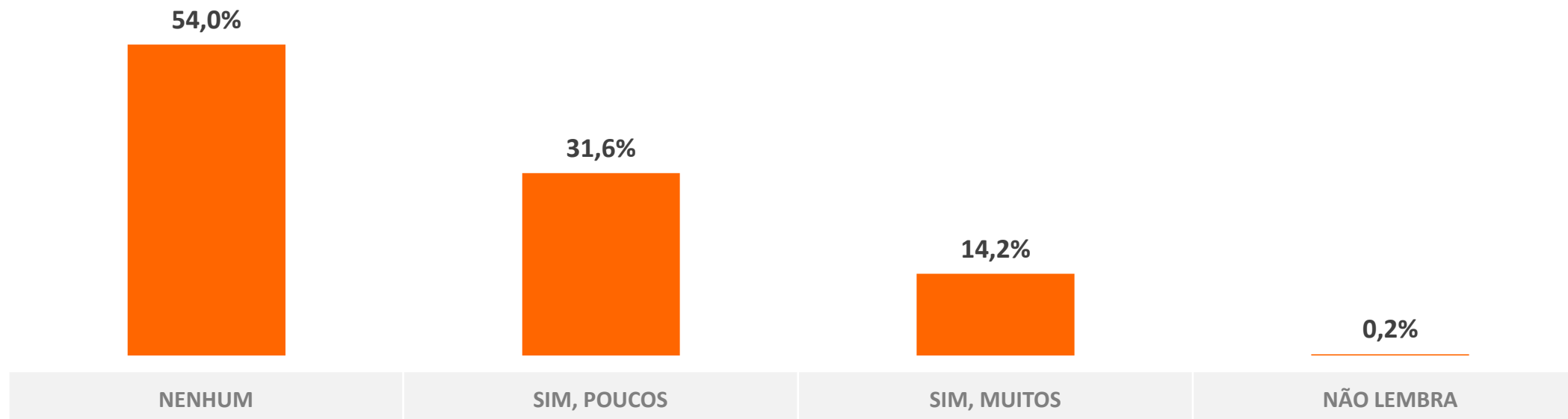
"A pessoa fala que sabe fazer o serviço, mas quando a gente faz um teste, a pessoa não sabe executar a tarefa".

"Muitos não fizeram cursos, aprenderam o serviço na própria obra e, quando precisamos de pessoas com treinamento ou curso, o candidato não se qualifica".

"Falta de habilidade para lidar com equipamentos e ferramentas".

Mais da metade dos respondentes (54%) informou não ter realizado nenhum curso profissionalizante e 31,6% relataram ter feito poucos cursos. Apenas 14,2% dos entrevistados afirmaram ter realizado muitos cursos de qualificação.

Realização de cursos por parte dos trabalhadores formais



5

Migraram para outras áreas

6

Retornaram para seus estados de origem

De acordo com o relato de algumas empresas e trabalhadores (formais e informais), alguns trabalhadores que, por estarem sem atividades e usufruindo do auxílio emergencial (oferecido pelo governo no período da pandemia do Coronavírus), decidiram por:

- Aguardar o período de isolamento em seus estados de origem e não mais retornaram;
- Desenvolver outras atividades, que se tornaram mais rentáveis que o trabalho na construção.

Devido ao grande número de variáveis identificadas ao longo do trabalho, não foi possível analisar de forma profunda e validar as hipóteses acima.

Faz-se necessário a execução de um trabalho específico para investigar a validade e/ou intensidade desses elementos.



CAPÍTULO IV

Como resolver o problema?
Qual o caminho?

COMO RESOLVER O PROBLEMA? QUAL O CAMINHO?

Já conhecendo para onde foram os trabalhadores e seus motivos, é necessário elaborar ações estratégicas para mudança desse cenário de escassez. Mas como resolver o problema? Qual o caminho?

Duas estratégias principais são:

1

Atrair trabalhadores para a construção

2

Qualificar os trabalhadores

Para embasar as estratégias e ações, inclusive de comunicação, foram levantadas as percepções e opiniões dos próprios trabalhadores, através da pesquisa quantitativa, em relação a:

- Pontos positivos do trabalho formal;
- Principais motivos que atrairiam mais pessoas para a construção;
- Qualidade de vida e condições sociais dos trabalhadores;
- Benefícios que mantêm os trabalhadores registrados;
- Necessidades e interesse em qualificação.

1

Atrair trabalhadores para a construção

Foi perguntado aos trabalhadores formais quais eram os pontos positivos de trabalhar registrado na construção. O ponto mais mencionado foi a possibilidade dos trabalhadores possuírem a garantia de receber INSS em caso de acidente. Os outros pontos positivos mais frequentes estão relacionados com a segurança financeira em caso de demissão ou desemprego.

Pontos positivos de trabalhar registrado na visão dos trabalhadores formais

RESPOSTA	%	RESPOSTA	%	RESPOSTA	%
INSS em caso de acidente	21,5%	Aposentadoria	6,0%	Benefícios de modo geral	0,8%
Receber FGTS	9,9%	Acompanhamento da saúde	4,9%	Vale transporte	0,7%
Acerto se sair da empresa	9,5%	Estabilidade de emprego	3,4%	Vale alimentação	0,6%
Seguro desemprego	8,8%	Segurança de forma geral	2,9%	Respeito	0,3%
Direitos trabalhistas	8,0%	13º salário	2,7%	Oportunidades de crescimento profissional	0,2%
Salário fixo	8,0%	Férias	2,6%	Outros (comentários)	1,4%
Seguro de vida	6,7%	Possibilidade de aprendizado	0,9%	-	-

FONTE: Sebrae Goiás/Observatório FIEG

BASE: 430 trabalhadores formais da construção. A pergunta admitia mais de uma resposta.

1

Atrair trabalhadores para a construção

De acordo com os trabalhadores formais, para atrair o interesse para a construção, as empresas devem oferecer "melhores salários".

Motivos que atrairiam mais pessoas para a construção na visão dos trabalhadores formais



OUTROS 1,7%
"Padronização dos processos de trabalho."
"Segurança de serviço garantido."
"Ter encarregados qualificados, que não fazem o trabalhador de escravo."
"Os superiores serem mais cordiais com os funcionários."
"Eventos comunitários de esportes."
"Melhorar a segurança no ambiente de trabalho."
"As empresas oferecerem transporte para o local da obra."
"Divulgação da existência de vagas."

FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
 BASE: 430 trabalhadores formais da construção. A pergunta admitia mais de uma resposta.
 Obs.: não sabem ou não responderam somam 6,3% dos participantes.

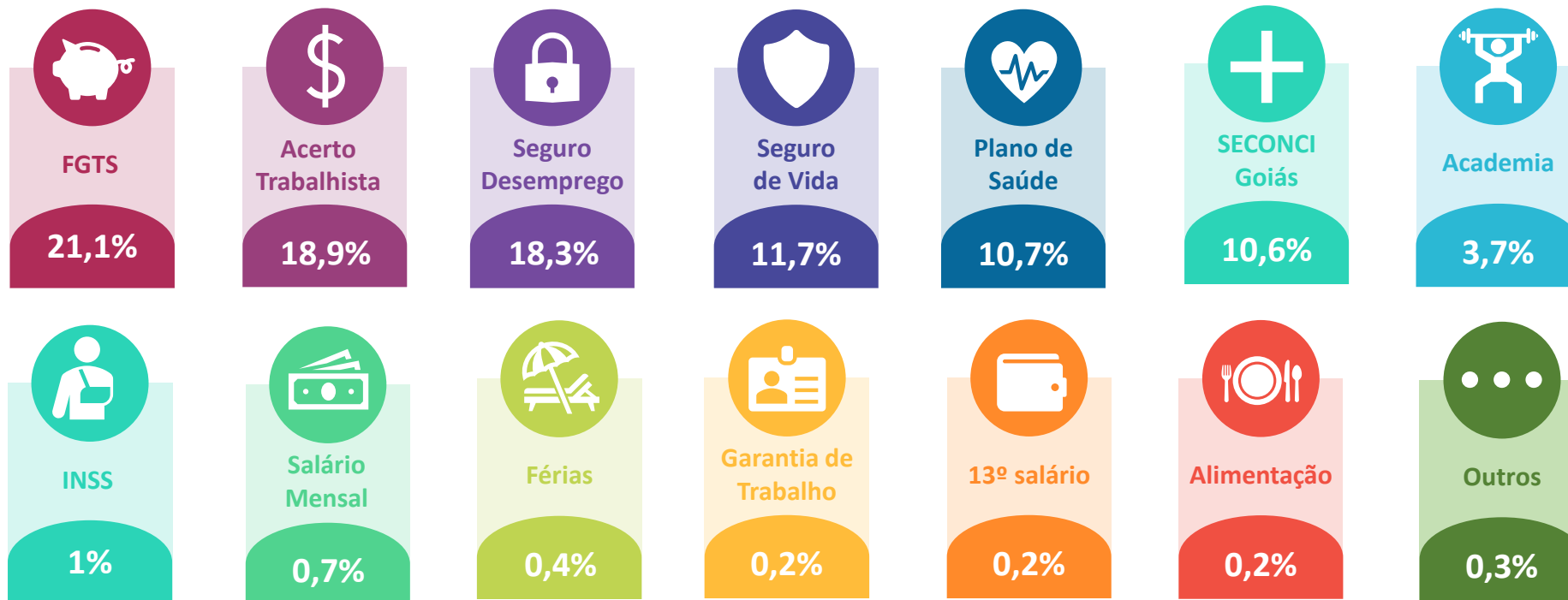
COMO RESOLVER O PROBLEMA? QUAL O CAMINHO?

1

Atrair trabalhadores para a construção

Os trabalhadores formais citaram como principais benefícios que os mantêm na formalidade o FGTS, direitos trabalhistas e seguro desemprego.

Benefícios que mantêm os trabalhadores com registro em carteira na visão dos trabalhadores formais



FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG

BASE: 430 trabalhadores formais da construção. A pergunta admitia mais de uma resposta.

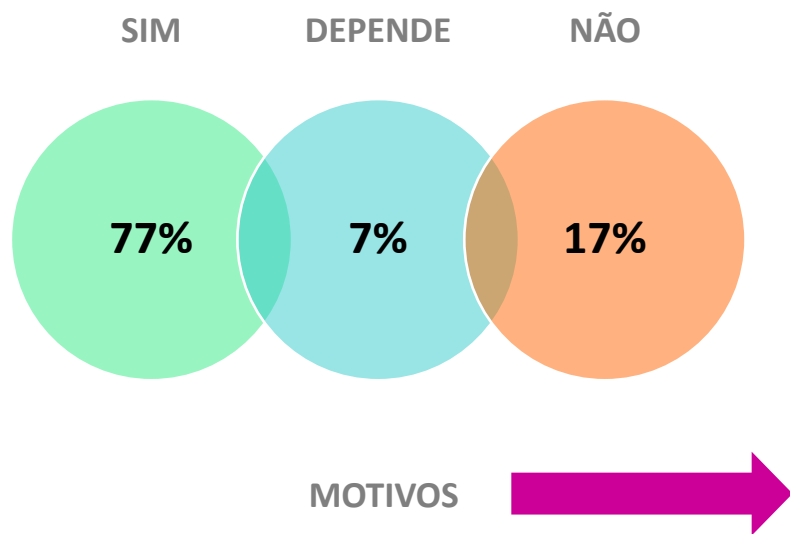
COMO RESOLVER O PROBLEMA?
QUAL O CAMINHO?

1

Atrair trabalhadores para a construção

Dentre os trabalhadores formais pesquisados, 77% convidam amigos e parentes para trabalhar na construção.

Convida amigos e parentes para trabalharem na construção?



Motivos de incentivo ou não dos trabalhadores formais aos amigos e parentes a trabalharem na construção

COMENTÁRIOS	
MOTIVOS PARA CONVIDAR	MOTIVOS PARA NÃO CONVIDAR
Salário fixo e benefícios	Receio de indicar e a pessoa fazer um mal serviço
Necessidade de ter uma fonte de renda	Serviço pesado
Boa opção para quem não tem estudo	Falta de interesse
Oportunidade de crescimento na área	Salário baixo
Garantia de emprego	"Os amigos que tenho já trabalham na construção".
Um bom local de trabalho	-
"Chamei mas não querem por causa dos baixos salários e serviço pesado".	-
"Eles têm coragem de trabalhar, são do Nordeste, nordestino é feroz pra trabalhar".	-

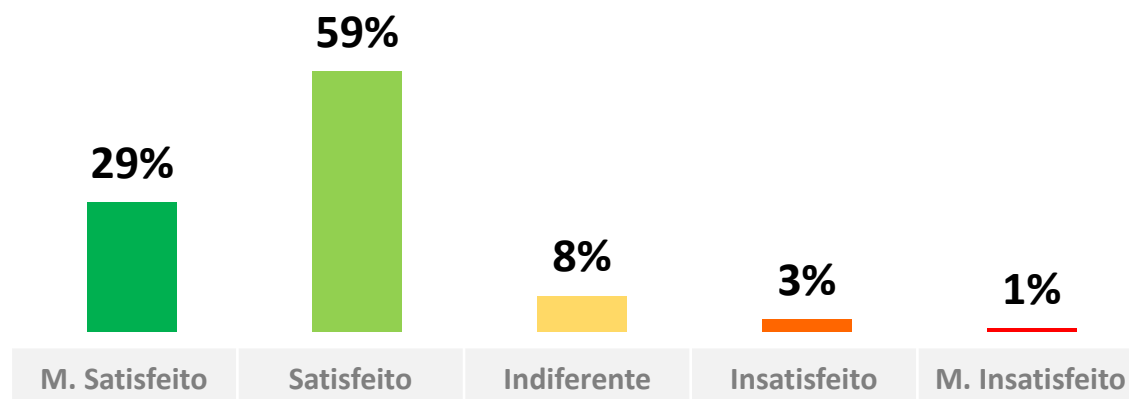
FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 430 trabalhadores formais da construção.

1

Atrair trabalhadores para a construção

Identificar que 88% dos trabalhadores formais estão "satisfeitos" ou "muito satisfeitos" com seu trabalho e que para 83,5% a vida melhorou após iniciar as atividades no setor são ótimos argumentos para atrair outros trabalhadores para a construção.

Nível de satisfação com o trabalho



FONTE: Pesquisa Primária Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 430 trabalhadores formais da construção

Condição de vida após entrar na construção

Melhorou muito	49,8%
Melhorou um pouco	33,7%
Não mudou	14,9%
Piorou	1,4%
Piorou muito	0,2%

FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 430 trabalhadores formais da construção

Em relação a como os trabalhadores passaram a se sentir após entrarem na construção, 83,5% disseram que as condições de vida melhoraram. Apenas 1,6% informou que piorou, os outros 14,9% disseram que nada mudou.

COMO RESOLVER O PROBLEMA? QUAL O CAMINHO?

1

Atrair trabalhadores para a construção

Grande parte (76%) dos trabalhadores formais se sentem respeitados no ambiente de trabalho, tanto pelos colegas quanto pelos superiores.

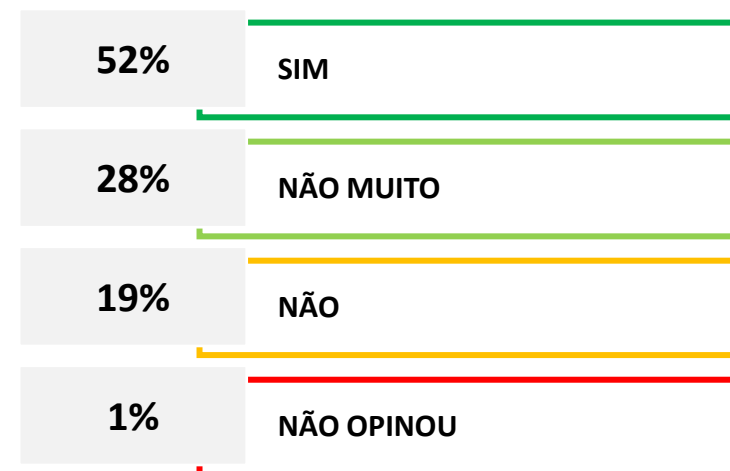
Respeito no ambiente de trabalho na visão dos trabalhadores formais



FONTE: Pesquisa Primária Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 430 trabalhadores formais da construção

Mais da metade (52%) dos trabalhadores formais se sente valorizada no ambiente de trabalho. Todavia, (19%) dos trabalhadores não se sente valorizado.

Valorização do trabalhador no ambiente de trabalho na visão dos trabalhadores formais



FONTE: Pesquisa Primária Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE 430 trabalhadores formais da construção

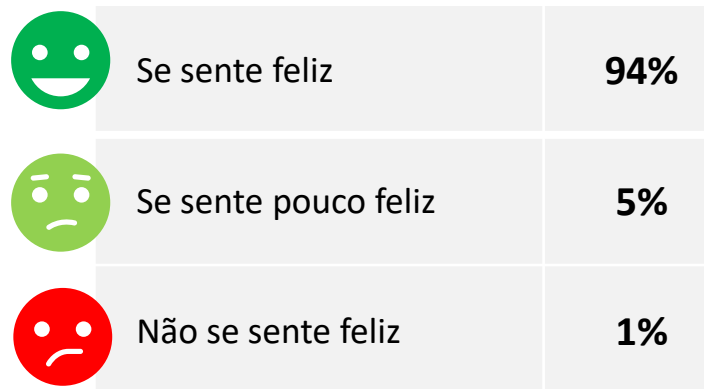
COMO RESOLVER O PROBLEMA? QUAL O CAMINHO?

1

Atrair trabalhadores para a construção

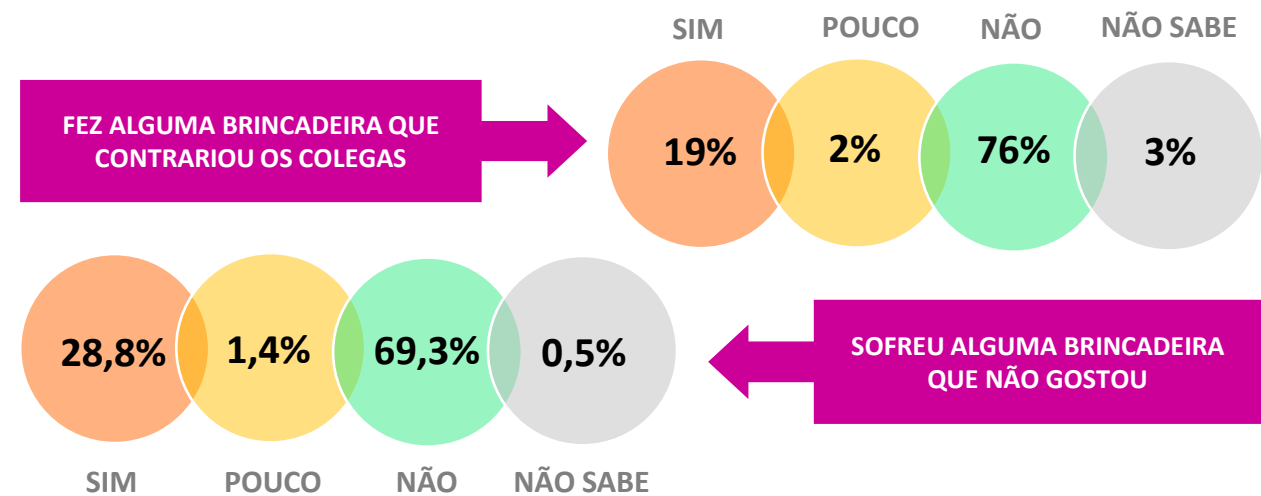
O nível de felicidade dos trabalhadores formais, bem como a inexistência de brincadeiras “desrespeitosas” no ambiente do trabalho, são fatores positivos, para atração de mão de obra no setor.

Felicidade dos trabalhadores



FONTE: Pesquisa Primária Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 430 trabalhadores formais da construção

Brincadeiras no ambiente de trabalho



FONTE: Pesquisa Primária Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 430 trabalhadores formais da construção

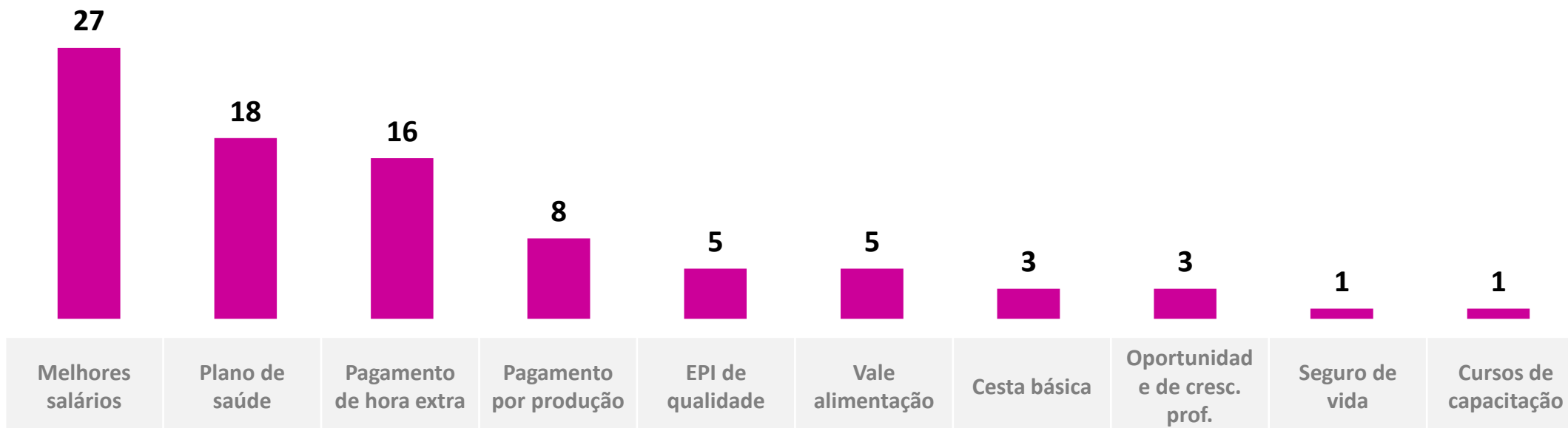
COMO RESOLVER O PROBLEMA? QUAL O CAMINHO?

1

Atrair trabalhadores para a construção

Foi perguntado aos trabalhadores informais (por opção) se trabalhar na informalidade era melhor do que trabalhar com registro em carteira e, mesmo afirmando que sim (87%), boa parte (59 trabalhadores), voltaria para a formalidade se houvesse "melhores salários", "plano de saúde" e "pagamento de horas extras".

O que fariam os trabalhadores informais por opção voltar para o trabalho formal

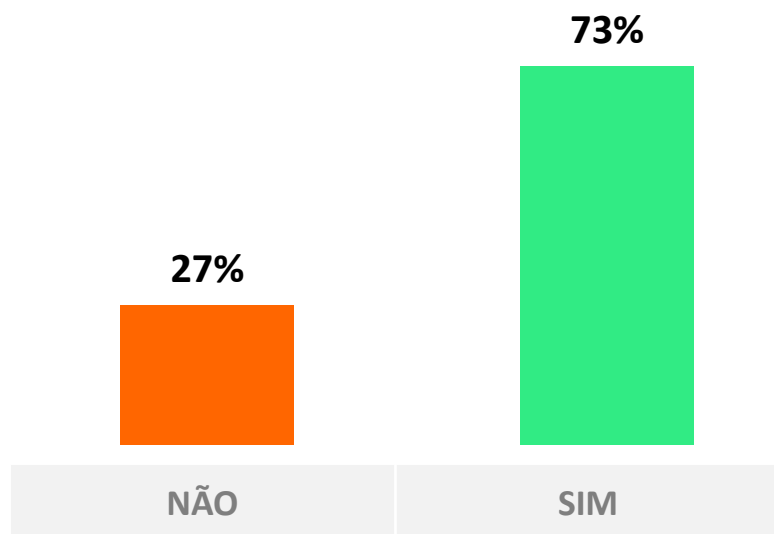


FONTE: Pesquisa Primária Sebrae Goiás/Observatório FIEG

BASE: 59 Trabalhadores Informais por opção. A pergunta admitia mais de uma resposta.

Um número significativo (73%) dos trabalhadores formais da construção, informou que tem interesse em realizar cursos de qualificação na área, sendo os principais: **mestre de obras, técnico em eletrotécnica e encarregado de obras.**

Interesse dos trabalhadores em cursos de qualificação profissional na construção – trabalhadores formais



PRINCIPAIS CURSOS DE INTERESSE DOS TRABALHADORES FORMAIS			
CURSOS	Nº	CURSOS	Nº
Mestre de obras	57	Encanador	20
Técnico em eletrotécnica	56	Pintor	18
Encarregado de obras	42	Técnico em ST	14
Operador de máquinas	31	Engenheiro	12
Pedreiro	30	Carpinteiro	9
Azulejista	21		

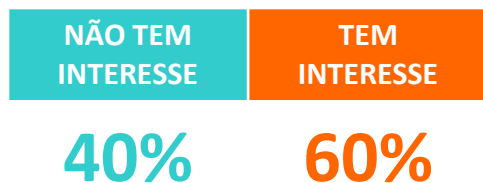
FONTE: Pesquisa Primária Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 423 trabalhadores formais da construção. A pergunta admitia mais de uma resposta.
Obs.: *7 entrevistados não souberam responder qual seria o curso

Mais da metade (60%) dos trabalhadores informais por opção apresentou interesse em realizar cursos de capacitação com o objetivo de melhorar sua qualificação profissional.

Interesse em cursos de qualificação profissional na construção – trabalhadores informais por opção



Interesse por cursos de qualificação profissional



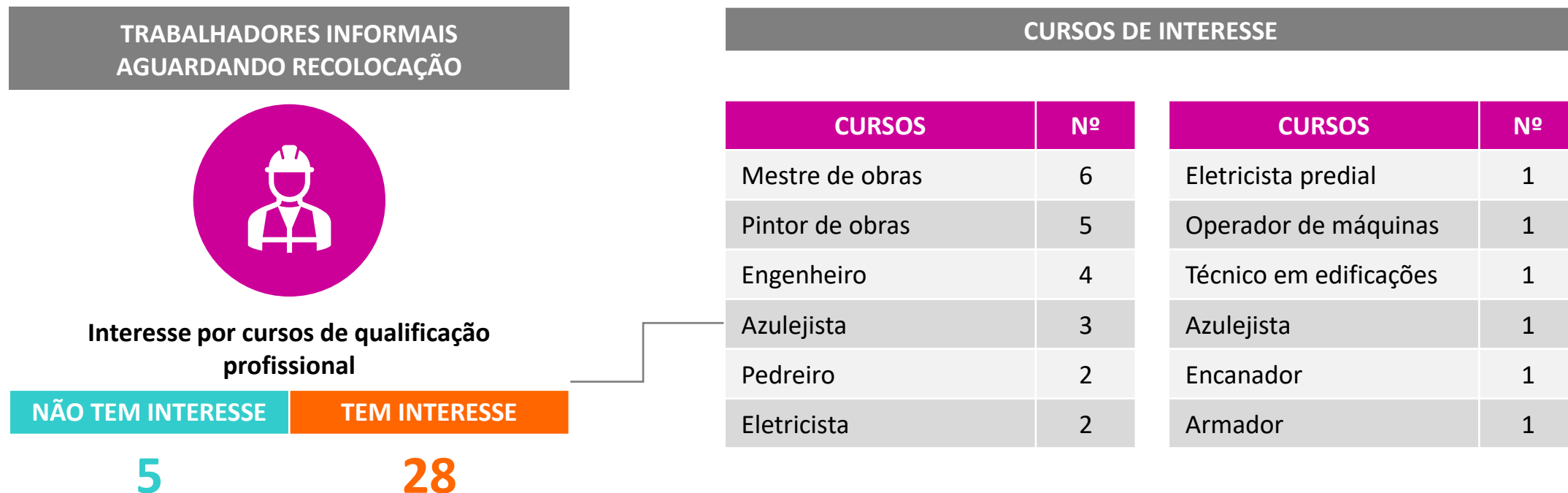
CURSOS DE INTERESSE DOS TRABALHADORES INFORMAIS POR OPÇÃO

CURSOS	Nº	CURSOS	Nº	CURSOS	Nº
Mestre de obras	15	Armador	1	Empilhadeira	1
Pintor de obras	13	Arquiteto	1	Engenharia civil	1
Eletricista	12	Azulejista	1	Mecânica	1
Eletricista predial	2	Designer de interiores	1	Acabamentos em madeira	1
Encanador	2	Designer gráfico	1	NR 10 (predial)	1
Técnico em edificações	2	Eletricista de painéis solares	1	Técnico SST	1
Acabamento de obra	1	Eletromecânica	1	-	-

FONTE: Pesquisa Primária – Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 60 trabalhadores informais por opção.

Dos 31 trabalhadores informais (aguardando recolocação no mercado), 28 relataram interesse em realizar cursos de capacitação com o objetivo de melhorar sua qualificação profissional.

Interesse em cursos de qualificação profissional na construção – trabalhadores informais, aguardando recolocação



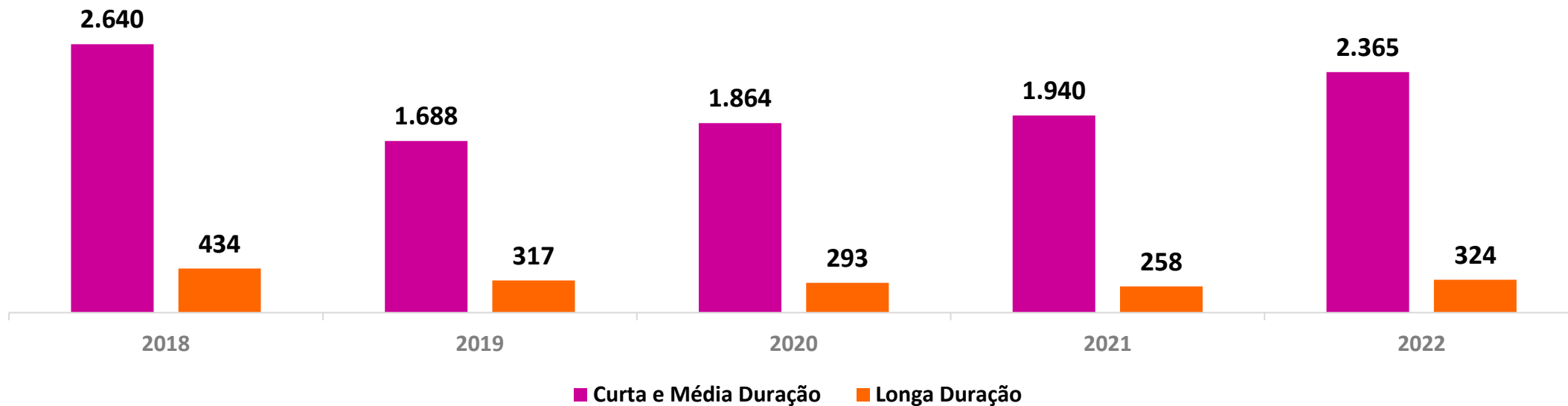
FONTE: Sebrae Goiás/Observatório FIEG
BASE: 31 trabalhadores informais aguardando recolocação. A pergunta admitia mais de uma resposta.

2

Qualificar os trabalhadores

Mesmo os trabalhadores tendo demonstrado interesse por cursos de qualificação profissional, o número de matriculados em cursos voltados para a construção no SENAI teve queda entre 2018 e 2021, com aumento em 2022, mas ainda abaixo do início da série.

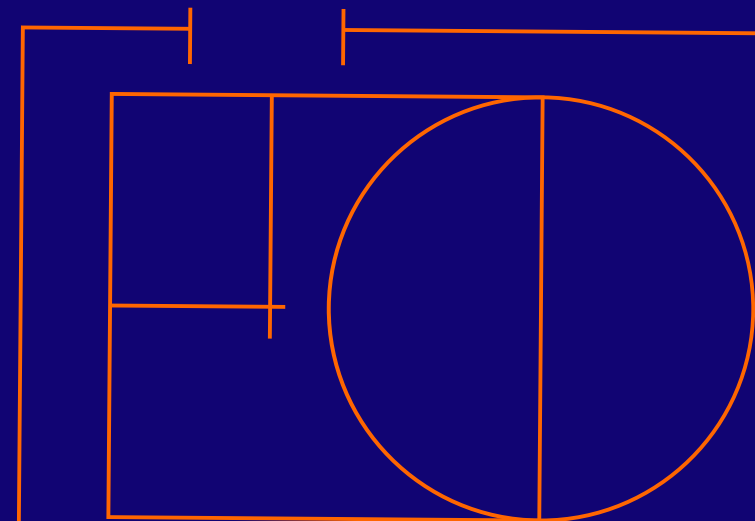
Qualificação profissional SENAI – série histórica



FONTE: SENAI 2022

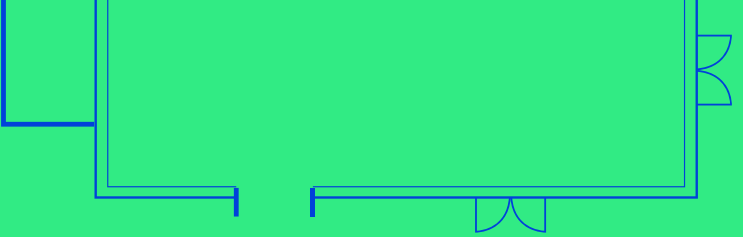


CONSIDERAÇÕES





CONSIDERAÇÕES



O setor da Construção Civil abriga diversas atividades importantes para a economia do nosso Estado. Avaliar o desempenho de suas atividades e os gargalos a serem corrigidos, a fim de encontrar subsídios para enfrentar seus inúmeros desafios, tem sido um dos principais objetivos das entidades de apoio ao setor, como o IEL Goiás, por meio do Observatório Iris Rezende, e o Sebrae Goiás.

No decorrer deste estudo, buscou-se encontrar informações para fomentar uma discussão relevante para o setor, que gere possíveis soluções para uma das principais preocupações atuais: a falta de mão de obra qualificada.

Para alcançar esses resultados e construir um cenário da realidade goiana, foram realizadas pesquisas primárias, por meio de entrevistas que englobam os trabalhadores formais e os trabalhadores informais (por opção ou aguardando uma colocação). Da perspectiva do empregador, foram realizadas entrevistas com representantes de diversos elos da cadeia da construção (pesquisa qualitativa), como representantes de sindicatos, empresários e gestores de recursos humanos.

A seguir, foram realizadas algumas considerações com base nos resultados desse estudo.

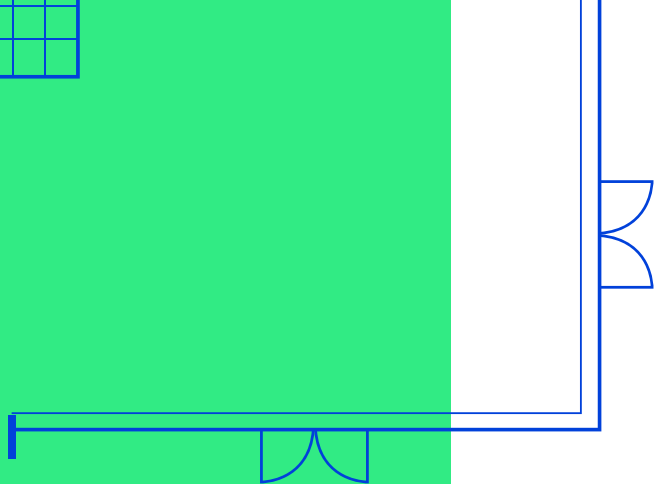
Principais fatores responsáveis pela escassez de mão de obra

Entre 2011 e 2021, o setor da construção registrou queda no número de empresas (1%) e emprego (15%), no Estado de Goiás. No entanto, a partir de 2019, observa-se uma recuperação em ambos. Outro destaque é o cenário de aquecimento do mercado, que provocou um aumento considerável no número de registro de obras ativas (55% entre 2018 e 2021).

Ao questionar as empresas e profissionais do setor quanto ao assunto, estas apontaram como principais fatores geradores da escassez de mão de obra: o baixo número de novos entrantes no mercado de trabalho do setor, a migração para a informalidade, a ampliação dos registros de MEI (que, segundo a Receita Federal, teve um crescimento médio anual de 32% entre 2011 e 2021 – dados levantados somente com os CNAES que atendem diretamente o setor) e a falta de interesse pelo trabalho pesado na construção.

Em relação à opinião dos trabalhadores formais e informais sobre a falta de mão de obra na construção, foi identificado que um dos problemas está relacionado a baixos salários que desmotivam os trabalhadores na busca por trabalho registrado, bem como a falta de mecanização nas obras, levando muitos trabalhadores a reclamarem do trabalho pesado nos canteiros de obra.

Quanto menos pessoas se interessarem em se profissionalizar e entrar neste mercado de trabalho, maior o risco das opções disponíveis ficarem cada vez mais caras e menos especializadas. No início do estudo, a falta de profissionais disponíveis foi apontada como um desafio a se transpor pelas empresas ouvidas, e o estudo buscou aprofundar-se no tema para entender a realidade vigente e alcançar soluções.



Outro fator dificultador da contratação de mão de obra são os critérios de contratação para novos empregados, que muitas vezes exigem experiência com a comprovação por certificados e, mesmo se estes estiverem aptos a preencher estas vagas, não conseguem preenchê-las e acabam por se enquadrar em funções de ajudante ou cargos que estão aquém de suas capacidades.

Os trabalhadores informais que preferem permanecer na informalidade o fazem por três razões principais: maiores ganhos, horários de trabalho flexíveis e pagamento mais rápido pelos serviços. No entanto, a maioria disse que voltaria ao emprego regular se a empresa oferecesse melhores oportunidades e benefícios, como: melhores salários, plano de saúde e melhor pagamento de horas extras.

Para os trabalhadores informais em busca de empregos com carteira assinada, constatou-se que os principais motivos para não conseguirem se adaptar imediatamente às vagas disponíveis estavam relacionados aos salários insatisfatórios oferecidos pelas empresas e à falta de experiência no cargo desejado.

Problemas quanto à renovação da mão de obra

No decorrer dos anos, existe um ajuste que deve sempre ser feito entre as necessidades do mercado e a capacidade produtiva das empresas. Um dos aspectos relevantes para essa fórmula dar certo é a garantia da renovação constante dos profissionais que compõem a atividade.

A falta de mecanização nas obras seria uma possível solução mencionada pelos próprios representantes para uma parte dos problemas e é um gargalo a ser transposto nesse sentido, que requer o investimento em novos equipamentos e processos de fabricação e em qualificação da indústria da construção em geral, não só a mão de obra braçal, mas também aqueles que delineiam projetos e processos voltados à produtividade.

Ainda dentro da premissa dessa investigação, a maioria dos trabalhadores formais (62,1%) acredita que melhores salários atrairiam mais pessoas para a construção. Oportunidades de cursos e melhores benefícios também foram mencionados por 14,5% e 5,5% dos entrevistados, respectivamente. Salienta-se que 56% dos trabalhadores não incentivam seus filhos a trabalharem na construção, e aqueles que o fazem, o incentivo seria principalmente as áreas mais especializadas como mestre de obras, encarregados de obra e engenheiros.

Muitos são os aspectos relevantes para que essa fórmula produza resultados exitosos. A redução de entrantes na atividade é uma questão que não pode ser ignorada, pois juntamente com outros aspectos, como os desafios de excelência e aumento de produtividade, a digitalização de processos pode dificultar o crescimento da indústria.

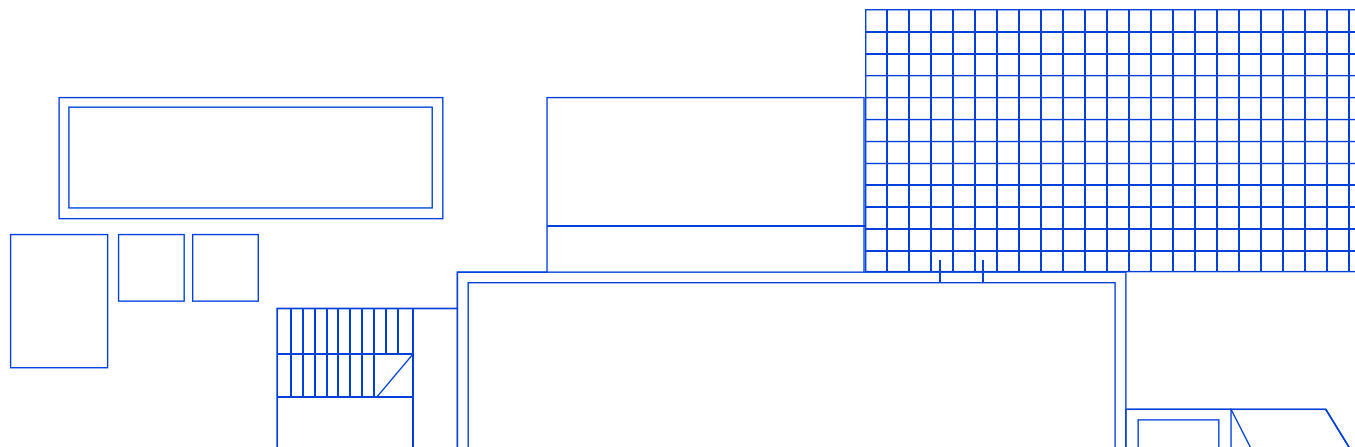
Aumento da escolaridade nas obras

Houve crescimento significativo na escolaridade dos trabalhadores do setor, em que o nível de escolarização passou de 23% para 53% de trabalhadores formais que têm pelo menos o ensino médio completo. Ao analisar também o perfil dos entrevistados representantes dos profissionais informais, observou-se que o nível de escolaridade é bem menor (32%), fato que corrobora os relatos desses mesmos entrevistados que afirmam ter dificuldades de se colocarem no mercado de trabalho devido a sua escolaridade e das empresas, que apontam problemas que deveriam ser sanados na educação básica, como dificuldade em fazer contas. Os dados inferem, a princípio, que pode existir um aumento de exigência de maior escolaridade por parte das empresas, o que dificultaria a contratação de parte da mão de obra disponível.

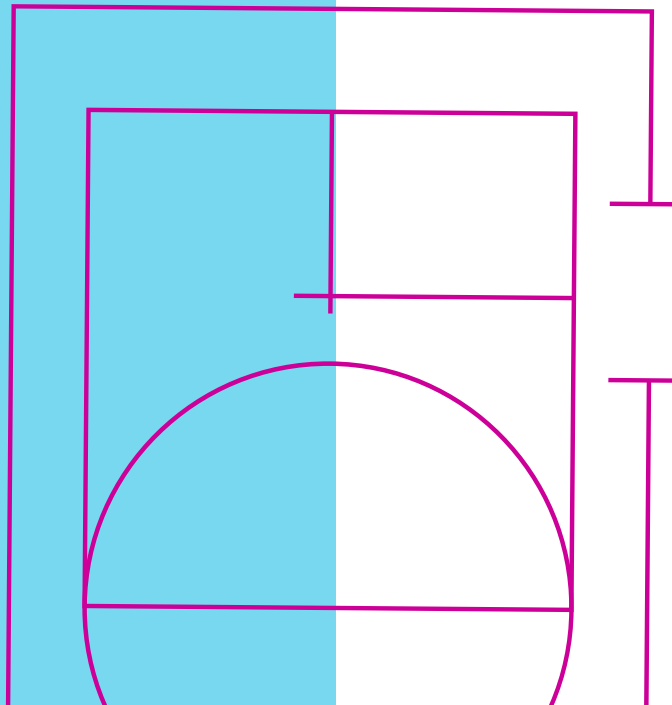
Algumas medidas podem ser tomadas para minimizar estes problemas, como criar projetos de elevação de escolaridade, políticas de recursos humanos que desenvolvam avaliações que não dependam, exclusivamente, do certificado de cursos, políticas públicas que formem cidadãos sem profissionalização nas atividades ligadas ao setor, entre outras.

Qualificação profissional e seus desafios

A falta de pessoal qualificado para a vaga foi apontada pelas principais empresas como um dos desafios a se transpor para garantir a mão de obra para suas obras. Dentro das competências técnicas, eles citaram que faltam conhecimentos específicos da ocupação, habilidade para lidar com equipamentos e ferramentas, de entender o processo como um todo (visão sistêmica) e até problemas com matemática básica. A dificuldade em se expressar e se comunicar verbalmente, em achar soluções para os problemas também foram elencadas. Ao confrontar essa informação, verificamos que, entre os trabalhadores formais, 54% afirmaram não ter realizado nenhum curso profissionalizante.



Cresce a participação feminina na construção civil



Apesar de as mulheres representarem 10% do total na construção, em um cenário de queda de 15% do estoque de trabalhadores formais, no período de 2011 a 2021, a participação das mulheres nos quadros oficiais registrou alta de 16% entre 2011 e 2021.

Elas também têm buscado trabalhar no setor por meio de formalização no MEI e já são 7% do total de inscritos atualmente. Destacam-se neste conjunto, em termos quantitativos, as atividades “Instalação e manutenção elétrica” e “Obras de alvenaria”, com 950 e 852 profissionais registradas, respectivamente e, em participação, a atividade “Instalações de sistema de prevenção contra incêndio”, em que as mulheres detêm 23% da participação.

Esses números revelam que, apesar de ainda ser um setor dominado por homens, elas estão cada vez mais buscando um espaço, dispostas a se estabelecer no setor em busca de oportunidades, fator que pode ser relevante no cenário atual, ao se buscar soluções para aprimorar/aumentar o número de profissionais qualificados disponíveis, ao se pensar em medidas específicas para incluir as mulheres.

REFERÊNCIAS

Cadastro Geral de Empregados e Desempregados –
Novo CAGED – Ministério do Trabalho e Previdência – 2022

Cadastro Nacional de Obras – Receita Federal – 2022

Gerência de Planejamento – SENAI-GO 2022

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) –
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – 2022

Pesquisa da Man-Power-Group

Relação Anual de Informações Sociais –
Ministério do Trabalho e Previdência – 2021



SIGA NOSSO
INSTAGRAM



OBSERVATÓRIO
SEBRAE

☎ 0800 570 0800 /sebraego.com.br

f t v @ in /sebraegoias

SEBRAE